



Ensino Fundamental

9º ano

Sociologia

Manual exclusivo do aluno

Capítulo 01

A Sociedade Humana como objeto de estudo

Você certamente já leu ou ouviu algum tipo de referência à Sociologia.

Sabe talvez que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que governou o Brasil durante dois mandatos consecutivos, entre 1995 e 2002, é sociólogo por formação acadêmica e profissional.

Da mesma forma que você, muitas pessoas já ouviram falar dessa Ciência Social. Mas poucas seriam capazes de responder: de que trata a Sociologia? Qual é seu objeto de estudo? Para que serve a profissão de sociólogo?

Para responder a essas perguntas, vamos contar uma história verídica que ocorreu na França entre os séculos XVIII e XIX: o fascinante caso do "menino selvagem de Aveyron".

1.1 O "menino selvagem" de Aveyron

Em 1797, um menino quase inteiramente nu foi visto pela primeira vez perambulando pela floresta de Lacaune, na França. Em 9 de janeiro de 1800, foi registrado seu aparecimento num moinho em Saint-Sernein, distrito de Aveyron. Tinha a cabeça, os braços e os pés nus; farrapos de uma velha camisa (sinal de algum contato anterior com seres humanos) cobriam o resto do corpo. Sempre que alguém se aproximava, ele fugia como um animal assustado.

Era um menino de cerca de 12 anos, tinha a pele branca e fina, rosto redondo, olhos negros e fundos, cabelos castanhos e nariz comprido e aquilino. Sua fisionomia foi descrita como graciosa; sorria involuntariamente e seu corpo estava coberto de cicatrizes. Provavelmente abandonado na floresta aos 4 ou 5 anos, foi objeto de curiosidade e provocou discussões acaloradas principalmente na França.

Após sua captura, verificou-se que Victor (assim passou a ser chamado) não pronunciava nenhuma palavra e parecia não entender nada do que lhe falavam. Apesar do rigoroso inverno europeu, rejeitava roupas e também o uso de cama, dormia no chão sem colchão. Locomovia-se apoiado nas mãos e nos pés, correndo como os animais quadrúpedes.

Um olhar sociológico

Victor de Aveyron tornou-se um dos casos mais conhecidos de seres humanos criados livres em ambiente selvagem.

Médicos franceses, como Jean Étienne Esquirol (1772-1840) e Philippe Pinel (1745-1826), afirmavam que o menino selvagem sofria de idiotia, uma deficiência mental grave.

Segundo eles, teria sido essa a razão pela qual os pais o haviam abandonado.

O psiquiatra Jean-Marie Gaspard Itard, diretor de um instituto de surdos-mudos, não compartilhava da opinião dos colegas.

Quais as consequências, perguntava ele, da privação do convívio social e da ausência absoluta de educação para a inteligência de um adolescente que viveu assim, separado de indivíduos de sua espécie?

Itard acreditava que a situação de abandono e afastamento da civilização explicava o comportamento diferente do menino.

Discordava, assim, do diagnóstico de deficiência mental para o caso.

No livro *A educação de um homem selvagem*, publicado em 1801, Itard apresenta seu trabalho com o menino selvagem de Aveyron, descrevendo as etapas de sua educação: ele já é capaz de sentar-se convenientemente a mesa, tirar a água necessária para beber, levar ao seu terapeuta as coisas de que necessita; diverte-se ao empurrar um pequeno carrinho e começa também a ler.

Cinco anos mais tarde, Victor já fabricava pequenos objetos e podava as plantas da casa. Com base nesses resultados, Itard reforçou sua tese de que os hábitos selvagens iniciais do menino e sua aparente deficiência mental eram apenas e tão-somente resultado de uma vida afastada de seus semelhantes e da civilização.

A partir de sua experiência com o menino, Itard formulou a hipótese de que a maior parte das deficiências intelectuais e sociais não é inata, mas tem sua origem na falta de socialização do indivíduo considerado deficiente, na falta de comunicação com seus semelhantes, especialmente de comunicação verbal.

Aproximando-se de uma visão sociológica, o pesquisador concluiu que o isolamento social prejudica a sociabilidade do indivíduo. Ora, a sociabilidade é o que torna possível a vida em sociedade.

O caso do menino selvagem de Aveyron mostra que o ser humano é um animal social por excelência, como afirmava o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.). Sua vida só adquire sentido na relação com outros seres humanos a seguir).

Vivendo com lobos

Você certamente já ouviu falar de Mogli, o menino-lobo. Trata-se de uma criação literária do escritor anglo-indiano Rudyard Kipling (1865-1936). Na história de Kipling, Mogli é um menino inteligente e sociável, que se dá muito bem com os

animais e também com os seres humanos. Mogli é um personagem fictício, criado pela imaginação do autor. Mas o que aconteceria realmente a um ser humano, caso fosse criado entre lobos?

A história a seguir pertence a vida real e mostra como o personagem Mogli está longe de refletir a realidade.

Duas meninas, Amala e Kamala, foram descobertas em 1921, numa caverna da Índia, vivendo entre lobos. Essas crianças, que na época tinham quatro e oito anos de idade, foram confiadas a um asilo e passaram a ser observadas por estudiosos. Amala, a mais jovem, não resistiu a nova vida e logo morreu. A outra, porém, viveu cerca de oito anos.

Ambas apresentavam hábitos alimentares bem diferentes dos nossos. Como fazem normalmente os animais, elas cheiravam a comida antes de tocá-la, dilaceravam alimentos com os dentes e faziam pouco uso das mãos para beber e comer.

Possuíam aguda sensibilidade auditiva e o olfato desenvolvido. Locomoviam-se de forma curvada, com as mãos apoiadas no chão, como o fazem os quadrúpedes. Kamala levou seis anos para andar de forma ereta. Notou-se também que a menina não ficava a vontade na companhia de pessoas, preferindo o convívio com os animais, que não se assustavam com sua presença e pareciam até entendê-la.

Adaptado de – A. Xavier Telles. *Estudos Sociais*. 513. São Paulo, Nacional, 1969. p.115-6.

Assim como no caso do menino de Aveyron, a experiência das duas crianças criadas entre lobos na Índia mostra que os indivíduos só adquirem características realmente humanas quando convivem em sociedade com outros seres humanos, estabelecendo com eles relações sociais.

Outro personagem celebre surgido da imaginação do escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs (1875-1950), é Tarzan. Criado por macacas na África, Tarzan aprendeu a ler sozinho, com a ajuda apenas de um livro encontrado em uma cabana. Além disso, demonstrava sentimentos humanos e defendia valores semelhantes aos da sociedade em que viveu o escritor.

Como obra de ficção, Tarzan sempre atraiu o interesse de jovens leitores, mas esta tão distante da vida real quanta Mogli, o menino-lobo. Na verdade, crianças que crescem entre animais são incapazes de desenvolver atitudes e sentimentos humanos antes de qualquer contato com outros indivíduos de sua espécie que já vivem em sociedade.

Para a pensador Lucien Malson, a conclusão é clara: "Será preciso admitir que os homens não são homens fora do ambiente social, visto que aquilo

que consideramos ser próprio deles, como o riso ou o sorriso, jamais ilumina a rosto das crianças isoladas".

A história das crianças selvagens, que sobreviveram quase milagrosamente entre os animais e pensaram para alcançar algumas das características básicas de uma existência "civilizada", deixa uma lição que não pode ser ignorada: sem o denso tecido das relações sociais, do qual participa toda criança, simplesmente não há humanidade.

As relações entre os seres humanos, isto é, as relações sociais, constituem a base da sociedade.

A forma pela qual essas relações ocorrem são fatos sociais e são eles que determinam o comportamento e a vida em sociedade.

Victor aprendeu a andar, a comer, a vestir-se e a fazer objetos por intermédio do contato com outras pessoas. Mas não assimilou apenas as coisas práticas da vida. Ao estabelecer relações com outros seres humanos, aprendeu também a comportar-se, a expressar sentimentos e a agir da mesma forma que as pessoas com as quais passou a conviver. Em uma palavra, ele socializou-se.

O estudo de como os seres humanos se relacionam na vida prática e afetiva, das formas pelas quais interagem uns com os outros, estabelecendo regras e valores, constitui tarefa de um grupo de disciplinas reunidas sob o nome de Ciências Sociais. A Sociologia é uma das disciplinas das Ciências Sociais.

1.2 As Ciências Sociais

O comportamento humano é muito complexo e diversificado. Cada indivíduo recebe influências de seu meio, forma-se de determinada maneira e age no contexto social de acordo com sua formação. O indivíduo aprende com o meio, mas também pode transformá-lo em sua ação social.

Há comportamentos estritamente individuais como andar, respirar, dormir, que se originam na pessoa enquanto organismo biológico.

São comportamentos estudados pelas Ciências Físicas e Biológicas. Por outro lado, receber salário, fazer greve, participar de reuniões, assistir aulas, casar-se: educar os filhos são comportamentos sociais, pois se desenvolvem no contexto da sociedade.

Ao longo da História, a espécie humana tem organizado sua vida de forma grupal. As Ciências Sociais pesquisam e estudam o comportamento social humano e suas várias formas de manifestação.

1.3 Entender a sociedade em que vivemos

Pode-se dizer que as Ciências Sociais se caracterizam pelo estudo sistemático do comportamento social do ser humano. Dessa forma, o objeto das Ciências Sociais é o ser humano em suas relações sociais.

Ao mesmo tempo, as Ciências Sociais têm por objetivo ampliar o conhecimento sobre o ser humano em suas interações sociais e estudar a ação social em suas diversas dimensões. Ao realizar esse objetivo, as Ciências Sociais contribuem para um melhor entendimento da sociedade em que vivemos, fornecendo instrumentos que podem ajudar a transformá-la.

O método empregado pelas Ciências Sociais em suas atividades é a Investigação Científica.

1.4 Disciplinas em que se dividem as Ciências Sociais

Com o avanço do conhecimento da sociedade, tornou-se necessária a divisão das Ciências Sociais em diversas áreas de conhecimento, de modo a facilitar a sistematização dos estudos e das pesquisas. Essa divisão abrange atualmente as seguintes disciplinas:

Sociologia – Estuda as relações sociais e as formas de associação, considerando as interações que ocorrem na vida em sociedade. A Sociologia envolve, portanto, o estudo dos grupos e dos fatos sociais, a divisão da sociedade em classes e camadas, da mobilidade social, dos processos de cooperação, competição, conflito na sociedade etc.

Economia – Tem por objeto as atividades humanas ligadas a produção, circulação, distribuição e consumo de bens e serviços. Portanto, são fenômenos estudados pela Economia a distribuição da renda num país, a política salarial, a produtividade de uma empresa etc.

Antropologia – é a ciência que estuda e pesquisa as semelhanças e as diferenças culturais entre os vários agrupamentos humanos, assim como a origem e a evolução das culturas.

Além de estudar a cultura dos povos pré-letrados, a Antropologia ocupa-se também da diversidade cultural existente nas sociedades industriais. São objetos de estudo da Antropologia os tipos de organização familiar, as religiões, a magia, os ritos de iniciação dos jovens, o casamento etc.

Ciência Política – Ocupa-se da distribuição de poder na sociedade, assim como da formação e do desenvolvimento das diversas formas de governo. É a Ciência Política que estuda, por exemplo, os partidos políticos, os mecanismos eleitorais etc.

Não existe uma divisão nítida entre essas disciplinas. Embora cada uma das Ciências Sociais

esteja voltada preferencialmente para um aspecto da realidade social, elas são complementares entre si e atuam frequentemente juntas para explicar os complexos fenômenos da vida em sociedade.

1.5 A longa marcha das Ciências Sociais

A reflexão sistemática sobre a vida em sociedade e sobre os grupos que a compõem começou na Grécia Antiga, há milhares de anos. Vejamos a seguir alguns momentos nesse processo de conhecimento.

Deuses e heróis

As primeiras tentativas de compreender como as forças sociais funcionam baseavam-se na imaginação, na fantasia, na especulação.

Assim, certos fenômenos sociais eram explicados a partir da ação de seres mitológicos, como deuses e heróis.

Na mitologia greco-romana, por exemplo, havia um deus para a guerra (Ares para os gregos, Marte para os romanos), outro para o comércio (Hermes ou Mercúrio, entre os romanos), uma deusa para as relações amorosas (Afrodite ou Vênus, para os romanos), e assim por diante. O deus supremo era Zeus. Sua mulher, Hera, protegia o casamento e tutelava a vida familiar.

Entre a Filosofia e a Religião

Até o início da Idade Moderna, no século XV, as tentativas de explicar a sociedade foram muito influenciadas pela filosofia e pela religião, que propunham normas para a sociedade, procurando modificá-la de acordo com seus princípios.

Na Grécia Antiga, como vimos, surgiram explicações mitológicas para alguns fenômenos sociais. Insatisfeitos com essas explicações, os filósofos gregos foram os primeiros a empreender o estudo sistemático da sociedade humana. Entre eles, destacam-se Platão (427-347 a.C.), autor de *A República*, e Aristóteles (384-322 a.C.), que escreveu política. É de Aristóteles a afirmação segundo a qual “O homem nasce para viver em sociedade”.

Na Idade Média a reflexão teórica sobre a sociedade se deu entre pensadores ligados a Igreja católica. Santo Agostinho (354-430), por exemplo, em seu livro *A cidade de Deus*, propunha normas para evitar o pecado na sociedade.

Obras como essa descreviam a sociedade humana em uma perspectiva religiosa muito acentuada.

Os Pensadores Renascentistas

Com o Renascimento, surgiram pensadores que abordavam os fenômenos sociais de maneira mais realista. Escreveram sobre a sociedade de sua

época: Maquiavel, autor de *O Príncipe*, Tomás Morus, *Utopia*, Tomaso Campanella, *Cidade do Sol*, Francis Bacon, *Nova Atlântida*, Erasmo de Roterdã *Elogio da loucura*.

No século XVII, outros pensadores deram sua contribuição ao desenvolvimento das Ciências Sociais. Um dos mais notáveis foi o inglês Thomas Hobbes, autor de *Leviatã*.

Vico e a nova ciência

Particularmente importante nesse processo de reflexão não-religiosa sobre a sociedade foi, no século XVIII, a obra de Giambattista Vico, *A Nova Ciência*. Segundo Vico, a sociedade se subordina a leis definidas, que podem ser descobertas pelo estudo e pela observação objetiva. Sua formulação - "O mundo social é, com toda certeza, obra do homem" - foi um conceito revolucionário para a época.

Alguns anos depois, Jean-Jacques Rousseau reconheceu a influência decisiva da sociedade sobre o indivíduo. Em seu livro *O contrato social*, Rousseau afirma que "o homem nasce puro, a sociedade é que o corrompe". Hoje, sabe-se que o indivíduo também influencia e modifica o meio em que vive ao agir sobre ele.

Entretanto, foi só no século XIX - com Augusto Comte, Herbert Spencer, Gabriel Tarde e, principalmente, Emile Durkheim, Max Weber e Karl Marx - que a investigação dos fenômenos sociais ganhou um caráter verdadeiramente científico.

1.6 Os primeiros sociólogos

Augusto Comte (1798-1857) é tradicionalmente considerado o pai da Sociologia. Foi ele quem pela primeira vez usou essa palavra, em 1839, em seu Curso de filosofia positiva. Mas foi com Émile Durkheim (1858-1917) que a Sociologia passou a ser considerada uma ciência.

Durkheim formulou os primeiros conceitos da Sociologia e demonstrou que os fatos sociais têm características próprias, devendo por isso ser estudados por meio de métodos diferentes dos empregados pelas outras ciências.

Os Fatos Sociais

Para Durkheim, a Sociologia é o estudo dos fatos sociais. Um exemplo simples nos ajuda a entender esse conceito formulado por Durkheim.

Se um aluno chegasse à escola vestido com roupa de praia, certamente ficaria numa situação desconfortável: os colegas ririam dele, o professor lhe daria uma bronca e provavelmente o diretor o

mandaria de volta para casa para pôr uma roupa adequada.

Existe um modo de se vestir que é comum, que todos seguem (nesse caso, todos os alunos da escola).

Isso não é estabelecido pelo indivíduo. Quando ele entrou no grupo, já existia tal norma e, quando ele sair, a norma provavelmente permanecera. Quer a pessoa goste ou não, ver-se-á obrigada a seguir o costume geral. Se não o seguir, sofrerá uma punição (que pode ir, conforme o caso, da ridicularização e do isolamento até uma sanção penal).

O modo de se vestir é um fato social. São fatos sociais também a língua, o sistema monetário, a religião, as leis e uma infinidade de outros fenômenos do mesmo tipo.

De acordo com Durkheim, os fatos sociais são o modo de pensar, sentir e agir de um grupo social. Embora eles sejam exteriores as pessoas, são intrometidos pelo indivíduo e exercem sobre ele um poder coercitivo.

Resumindo, podemos dizer que os fatos sociais têm as seguintes características:

- ✓ **Generalidade** - o fato social é comum a todos os membros de um grupo ou a sua grande maioria;
- ✓ **Exterioridade** - o fato social é externo ao indivíduo, existe independentemente de sua vontade;
- ✓ **Coercitividade** - os indivíduos se sentem pressionados a seguir o comportamento estabelecido.

Em virtude dessas características, para Durkheim os fatos sociais podem ser estudados objetivamente, como "coisas". Da mesma maneira que a Biologia e a Física estudam os fatos da natureza, a Sociologia faz o mesmo com os fatos sociais.

1.7 A Sociologia na Sociedade Contemporânea

As obras de Durkheim foram importantíssimas para definir os métodos de trabalho do sociólogo e estabelecer os principais conceitos da nova ciência. Entre essas obras, destacamos A divisão do trabalho social, as regras do método sociológico e o suicídio.

A partir da segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da sociedade industrial, que se tornou cada vez mais complexa, a Sociologia ganhou novo impulso, passando a estudar e a explicar problemas com os quais até então não havia se defrontado.

Assim, problemas como exclusão social, desagregação familiar, drogas, cidadania, minorias,

violência urbana representam desafios para os quais a Sociologia tem procurado respostas. Essas exigem uma análise científica de todos os aspectos da vida em sociedade, que permita entender o presente e projetar o futuro.

Dessa forma, a Sociologia moderna procura debruçar-se sobre os agentes sociais capazes de provocar mudanças importantes na sociedade. Hoje, um dos principais objetivos do conhecimento sociológico é criar instrumentos teóricos que levem a reflexão sobre os problemas da sociedade contemporânea.

Tais instrumentos devem contribuir também para que os indivíduos estabeleçam relações entre sua prática social e a sociedade mais ampla, capacitando-os a atuar como agentes ativos da sociedade em que vivem.

Atualmente, os conhecimentos da Sociologia já não estão restritos aos sociólogos. De certo modo, muitas pessoas passaram a utilizá-los, embora nem sempre de forma consciente e rigorosa. Isso acontece porque alguns procedimentos e técnicas de pesquisa social passaram a ser de domínio público.

Pesquisas de opinião (ou de mercado) são utilizadas, por exemplo, no lançamento de um produto novo ou de um prédio de apartamentos, na definição da plataforma política de um candidato a cargo público e assim por diante. É por meio da pesquisa que o empresário, ao lançar seu produto, pode ficar sabendo quais e quantos serão seus compradores; o político, por sua vez, irá defender pontos de vista que antecipadamente sabe que interessam aos eleitores.

Entretanto, o sociólogo não pode perder de vista a noção de relatividade dos fenômenos sociais e as formas pelas quais esses fenômenos ocorrem. A relatividade do fenômeno social pode ser percebida em diversas situações, consideremos, por exemplo, o desemprego.

Ele pode aumentar, caso sejam introduzidas novidades tecnológicas que afetem o mercado de trabalho, como novas máquinas. Mas pode diminuir, mesmo com a nova tecnologia, se a economia do país estiver em expansão.

Nos textos a seguir encontraremos uma explicação muito bem fundamentada sobre pesquisa social e uma série de temas afins ao trabalho do sociólogo.

O que é Pesquisa Social

O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica,

permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.

Realidade social é entendida aqui em sentido amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao ser humano em suas múltiplas relações com outros indivíduos e instituições sociais. Assim, o conceito de pesquisa aqui adotado aplica-se às investigações realizadas no âmbito das mais diversas Ciências Sociais, incluindo Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia etc.

A Pesquisa Social pode decorrer de razões de ordem intelectual – quando estão baseadas no desejo de conhecer pela simples satisfação de conhecer – ou prática – quando estão baseadas no desejo de conhecer para agir. Daí por que se pode falar em pesquisa pura e em pesquisa aplicada.

A pesquisa pura (...) procura desenvolver os conhecimentos científicos sem uma preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas.

Seu desenvolvimento tende a ser bastante formalizado e objetiva a generalização, visando a construção de teorias e leis.

A pesquisa aplicada, por sua vez, apresenta muitos pontos de contato com a pesquisa pura, pois depende de suas descobertas e se enriquece com o seu desenvolvimento; todavia, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, na utilização e nas consequências práticas do conhecimento.

Sua preocupação esta menos voltada para o desenvolvimento de teorias de valor universal do que para a aplicação imediata numa realidade circunstancial.

De modo geral, é esse o tipo de pesquisa a que mais se dedicam os psicólogos, sociólogos, assistentes sociais e outros pesquisadores sociais.

Pesquisas Exploratórias

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade 'desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, visando a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento.

Habitualmente, envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de casos. (...)

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil

formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre ele.

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla.

Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e sua delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos.

O produto final desse processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Pesquisas Descritivas

As pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob esse título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Dentre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc.

Outras pesquisas desse tipo são as que se propõem estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. (...)

Pesquisas Explicativas

São aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos sociais investigados.

Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos.

Isso não significa, porém, que as pesquisas exploratórias e descritivas tenham menos valor, porque quase sempre constituem etapa previa indispensável para que se possam obter explicações científicas.

Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este seja suficientemente descrito e detalhado.

As pesquisas explicativas nas ciências naturais valem-se quase que exclusivamente do método experimental.

Nas Ciências Sociais, em virtude das dificuldades já comentadas, recorre-se a outros métodos, sobretudo ao observacional.

Nem sempre se torna possível a realização de pesquisas rigidamente explicativas em Ciências Sociais, mas em algumas áreas, sobretudo da Psicologia, as pesquisas revestem-se de elevado grau de controle, chegando mesmo a ser designadas "quase-experimentais".

Adaptado de – Antônio Carlos Gil. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª ed. São Paulo, Atlas, 1994. p. 87-8).

O que interessa aos sociólogos

Os indivíduos, em todo o mundo, vivem em grupo. E as relações sociais estabelecidas pela vida em grupo São o objeto de estudo da Sociologia.

O interesse pelas relações sociais é o que diferencia os sociólogos dos outros cientistas sociais.

Entre outras coisas, os sociólogos querem saber:

Por que grupos como a família, a tribo ou a nação sobrevivem através dos tempos, até mesmo durante as guerras e revoluções? Por que um soldado se sente no dever de lutar e enfrentar a morte, quando poderia esconder-se ou fugir? Por que o homem se casa e assume responsabilidades de família, quando poderia, com a mesma facilidade, satisfazer seus impulsos sexuais fora do casamento?

Que efeitos produz a vida em grupo sobre o comportamento de seus membros? Será que as pessoas que vivem em tribos pré-letradas, isoladas, tem o mesmo comportamento que as que vivem em Nova York ou num subúrbio parisiense?

Os sociólogos se interessam igualmente pelas causas das mudanças ou da desintegração dos grupos. Por exemplo, querem saber por que alguns casamentos terminam em divórcio.

Querem saber por que há um maior número de divórcios em alguns países do que em outros; por que o número de divórcios aumenta ou diminui com o tempo.

Querem saber, ainda, se o comportamento das pessoas se modifica depois de uma mudança do campo para a cidade ou da cidade para os subúrbios.

Os sociólogos estudam também as relações entre os membros de um grupo e entre grupos. Quais São as relações entre marido e mulher e entre pai e filhos atualmente?

Essas relações assemelham-se as da família tradicional, são as mesmas em qualquer cultura? Quais as causas do conflito entre negros e brancos em alguns países?

O trabalho, a indústria e o governo nos Estados Unidos estarão relacionados entre si da mesma forma que grupos e instituições similares na Austrália, na China ou na Rússia? Por que alguns grupos da sociedade possuem mais bens materiais e mais prestígio do que outros?

Adaptado de - Caroline B. Rose. *Iniciação ao estudo da Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. p. 9-10.

1.8 Objetividade e Conhecimento Científico

Uma importante característica da observação científica é a objetividade, ou seja, a possibilidade de o cientista obter resultados sem que seus sentimentos pessoais estejam envolvidos.

A objetividade é mais difícil de conseguir em Ciências Sociais do que nas Ciências Exatas. Por exemplo, em Matemática dois mais dois é igual a quatro, seja a soma feita por um católico, um muçulmano ou um ateu.

Em contrapartida, no estudo de si mesmos e da sociedade os seres humanos podem se deixar influenciar por seus sentimentos, por ideias preconcebidas, pelas crenças que adotam, pelos valores que aceitam.

Além disso, os cientistas sociais têm também maior dificuldade de submeter suas teses a experimentação.

De fato, é muito difícil isolar grandes grupos de pessoas e induzi-los a mudanças para verificar seus resultados, como se faz, por exemplo, em Biologia.

Apesar dessas dificuldades, a Sociologia é perfeitamente capaz de analisar os fatos sociais com objetividade. É essa possibilidade que faz dela uma ciência.

O primeiro passo para entender a Sociologia – como qualquer ciência – é o conhecimento de seus conceitos básicos.

Eles definem os fenômenos que fazem parte de seu campo de estudo e diferenciam a Sociologia das outras Ciências Sociais, pois cada uma delas tem seu próprio corpo de conceitos.

Como ciência, a Sociologia tem um duplo valor: pode aumentar o conhecimento que o ser humano tem de si mesmo e da sua sociedade, e pode

contribuir para a solução de problemas que ele enfrenta.

Compreensão

1. Pesquise em jornais e revistas exemplos de comportamentos sociais. No caderno, escreva o título do assunto, a data e o nome do veículo de comunicação que foi usado. Cole o recorte ou escreva um resumo do texto. Faça um comentário pessoal sobre o tema pesquisado.

2. Defina o conceito, o objeto e o objetivo das Ciências Sociais.

3. Quais são os principais campos de interesse de cada disciplina em que se dividem as Ciências Sociais?

4. Cite exemplos de dois fatos sociais, explicando suas características.

5. Explique uma das contribuições de Durkheim para a análise dos fatos sociais e sua conceituação de Sociologia.

6. Faça uma síntese das principais áreas de interesse dos sociólogos.

Capítulo 02

A Convivência Humana

Os indivíduos criados fora da convivência humana, em prolongado isolamento social, dificilmente adotam hábitos humanos.

Há absoluta necessidade da convivência com o grupo para que o comportamento humano se manifeste e se desenvolva.

A partir dela é que os seres humanos se articulam e estabelecem formas de comunicação e cooperação, ou seja, se socializam e se sociabilizam.

2.1 Sociabilidade e Socialização

De fato, os seres humanos necessitam de seus semelhantes para sobreviver, comunicar-se criar símbolos e formas de expressão cultural, perpetuar a espécie e se realizar plenamente como indivíduos.

É na vida em grupo que os indivíduos da espécie humana se tornam realmente humanos.

A sociabilidade, capacidade natural da espécie humana para viver em sociedade, desenvolve-se pelo processo de socialização.

Por meio da socialização o indivíduo se integra ao grupo em que nasceu, assimilando o conjunto de hábitos, regras e costumes característicos do seu grupo.

O indivíduo se socializa quando participa da vida em sociedade, assimila suas normas, valores e costumes e passa a se comportar segundo esses valores, normas e costumes.

Assim, quanto mais adequada for sua socialização, mais sociável ele tenderá a se tornar.

2.1.1 Socialização em tempos de globalização

Com o surgimento da globalização e a advento de novas tecnologias de comunicação, o tempo histórico se acelerou e profundas transformações começaram a ocorrer em todas as esferas da sociedade.

Nesse contexto de rápidas mudanças, novas formas de sociabilidade emergem no século XXI. Nos grandes centros urbanos, o tribalismo se tornou uma das formas de expressão desses novos tipos de sociabilidade. (A palavra tribalismo está sendo aqui utilizada em sentido amplo, que ultrapassa o sentido comum, ligado a ideia de sociedades indígenas.)

Exemplos desses novos grupos são os punks, as surfistas, os skinheads, as torcidas organizadas de futebol e as gangues da periferia urbana. Eles se reúnem em torno de afinidades ou interesses momentâneos, e se identificam por algum aspecto externo, como a indumentária, o corte de cabelo, ou por uma linguagem própria do grupo.

Novas tribos também estão surgindo a partir do desenvolvimento da informática e da rede de computadores. São as comunidades eletrônicas ou virtuais que habitam o ciberespaço e inauguram um novo tipo de sociabilidade.

Esses grupos virtuais surgem como expressão de uma nova cultura (cibercultura), que nasce da união entre a sociabilidade pós-moderna e os avanços da microeletrônica. (A expressão pós-modernidade tem sido utilizada para designar a cultura contemporânea em oposição à modernidade, que teve início no século XV e perdurou até a segunda metade do século XX).

Caóticas, desordenadas e sem nenhum controle externo, essas redes de amizade vão se desenvolvendo por todo o mundo e inaugurando um novo tipo de sociabilidade.

Hoje, as comunidades virtuais têm papel fundamental na integração da sociedade de massa: elas resgatam laços de sociabilidade que estão se perdendo em razão da falta de tempo disponível para as pessoas frequentarem os espaços de sociabilidade tradicionais.

2.2 Contatos Sociais

Ao dar uma aula, o professor entra em contato com seus alunos. O cliente e o vendedor de uma loja estabelecem contato na hora da venda de uma mercadoria. Duas pessoas conversando também participam de um contato social.

A convivência humana pressupõe uma grande variedade de tipos de contatos sociais. Você mesmo pode se relacionar de diversas formas, a começar pela maneira como adquiriu este material ou pelos contatos sociais que manteve para chegar até a atual etapa de sua educação formal.

O contato social está na origem da vida em sociedade. É o primeiro passo para que ocorra qualquer associação humana. Por meio dele, as pessoas estabelecem relações sociais, criando laços de identidade, formas de atuação e comportamento que são a base da constituição dos grupos sociais e da sociedade.

2.2.1 Tipos de Contatos Sociais

Contatos Sociais Primários – são os contatos pessoais, diretos, e que tem uma forte base emocional, pois as pessoas envolvidas compartilham suas experiências individuais.

São exemplos de Contatos Sociais Primários os familiares (entre pais e filhos, entre irmãos, entre marido e mulher); os de vizinhança; as relações sociais na escola, no clube etc.

As primeiras experiências do indivíduo se fazem com base em contatos sociais primários.

Contatos Sociais Secundários – São os contatos impessoais, calculados, formais. Dois exemplos: o contato do passageiro com o cobrador do ônibus para pagar a passagem; o contato do cliente com o caixa do banco para descontar um cheque.

São também considerados secundários os contatos impessoais mantidos por meio de carta, telefone, telegrama, e-mail etc.

Contatos Sociais e Personalidade Individual

É importante destacar que as pessoas que tem uma vida baseada mais em contatos primários desenvolvem uma personalidade diferente daquelas que tem uma vida com predominância de contatos secundários.

A personalidade de um lavrador, por exemplo, é bem diversa da de um empresário urbano. O lavrador vive em geral num mundo comunitário, onde quase todas as pessoas se conhecem e executam as mesmas atividades.

Mantém relações familiares e de vizinhança muito fortes e em sua comunidade há um padrão de comportamento bastante uniforme.

Não há mudanças sociais significativas no decorrer de sua vida e ele vive, provavelmente, da mesma forma que seus pais.

Já o empresário estabelece um número mais amplo e complexo de contatos sociais: com seus empregados, seus clientes, sua família, seus vizinhos, com outros empresários, etc.

A maior parte desses contatos são impessoais, formais e momentâneos.

O mundo do lavrador é estável, pouco se modifica com o tempo. Em contrapartida, o universo do empresário está em permanente mudança, sempre com novos desafios.

Com a industrialização e a consequente urbanização diminuíram os grupos de contatos primários, pois na cidade predominam os contatos secundários.

Nos grandes centros urbanos, as relações humanas tendem a ser mais fragmentadas e impessoais, caracterizadas por um forte individualismo, pois a proximidade física não significa necessariamente proximidade afetiva.

Essa falta de afetividade reforça o individualismo e estimula os conflitos. Um exemplo disso são as brigas frequentes no trânsito, muitas delas com desfecho violento.

2.3 O Isolamento Social

A ausência de contatos sociais caracteriza o isolamento social. Existem mecanismos que reforçam esse isolamento. Entre eles, estão atitudes de ordem social e atitudes de ordem individual.

As atitudes de ordem social envolvem os vários tipos de preconceito (racial, religioso, de sexo etc.). Um exemplo histórico de preconceito é o antissemitismo, voltado contra os judeus.

Tal atitude foi especialmente violenta durante a Idade Média e também entre 1933 e 1945 na Alemanha nazista, onde cerca de seis milhões de judeus foram exterminados nos campos de concentração.

A África do Sul é outro exemplo de país onde, por várias décadas, imperou uma legislação que isolava os negros do convívio social com os brancos: o apartheid.

Durante esse período, a minoria branca impôs a maioria negra uma série de restrições, que iam desde a proibição de casamentos inter-raciais até a moradia em guetos demarcados e a realização dos trabalhos mais penosos, relegando os negros a condição de cidadãos de segunda classe.



Uma das formas mais odiosas e desumanas de impor o isolamento a um grupo de pessoas é a discriminação racial ou social.

Situação assim viveu a África do Sul, país onde a maioria negra foi isolada do convívio com os brancos por meio do apartheid, uma política do Estado controlado pela minoria branca que vigorou de 1948 a 1990,

Na foto, mulheres negras protestam contra o apartheid na região sul-africana de Durban, em junho de 1959.

Uma atitude de ardem individual que reforça o isolamento social é a timidez. Segundo o sociólogo Karl Mannheim, a timidez, o preconceito e a desconfiança podem levar o indivíduo a um isolamento semelhante ao dos deficientes físicos, quando seus portadores são segregados dentro de seu próprio grupo primário.

Isso porque o tímido tem dificuldade de se comunicar com o outro, de estabelecer laços de convivência e afinidade, o que, de certo modo, o deixa a margem da sociedade.

Quebrando regras

As formas de convívio social são muito diversificadas, pois cada cultura, cada povo, tem suas regras particulares de convivência humana.

Por outro lado, as condições de convivência podem se modificar de acordo com certas transformações na sociedade. A situação da mulher, por exemplo, modificou-se radicalmente ao longo das últimas décadas, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo.

Até o começo dos anos 1930, as mulheres não podiam votar no Brasil. Esse direito foi conquistado por elas em 1932.

Da mesma forma, há cinquenta anos era difícil imaginar que as mulheres chegassem a ocupar altos cargos executivos em grandes empresas ou a governar nações, como foi o caso de Margaret Thatcher, primeira-ministra da Grã-Bretanha entre 1979 e 1990.

2.4 A Importância da Comunicação

Há setecentos anos, Frederico II, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, efetuou uma experiência para determinar que língua as crianças falariam quando crescessem, se jamais tivessem ouvido alguém falar: falariam hebraico (que então se julgava ser a língua mais antiga), grego, latim ou a língua de seu país?

Deu instruções as mães e mães adotivas para que alimentassem as crianças e dessem banho, mas que sob hipótese nenhuma falassem com elas ou perto delas. O experimento fracassou, porque todas as crianças morreram. (Paul B. Harton e Chester L. Hunt. Sociologia. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1980, p. 77.)

Assim como a história de Victor de Aveyron, narrada, o fracassado experimento de Frederico II mostra que a comunicação é vital para a espécie humana e para o desenvolvimento da cultura.

O principal meio de comunicação do ser humano é a linguagem. Por meio dela, os indivíduos atribuem significado aos sons articulados que emitem.

Graças à linguagem, podemos transmitir pensamentos e sentimentos aos nossos semelhantes, assim como nossas experiências e descobertas às gerações futuras, fazendo com que os conhecimentos adquiridos não se percam.

Além da linguagem falada, o ser humano desenvolveu outras formas de comunicação ao longo da História. Um grande avanço ocorreu com o surgimento da escrita, na Mesopotâmia, por volta de 4000 a.C.

A invenção dos tipos móveis de impressão por Gutenberg, no século XV foi outro passo importante.

Nos séculos XIX e XX assistimos a invenção do telegrafo, do telefone, do rádio, do cinema, da televisão, do telex, da comunicação por satélite, da internet.

Atualmente, fatos, ideias, sentimentos, atitudes e opiniões são compartilhados por milhões de pessoas na maior parte do planeta, graças a esses meios de comunicação.

Por essa razão, o especialista em comunicação Marshall McLuhan afirmou que o mundo contemporâneo é uma autêntica "aldeia global", pois os meios de comunicação de massa moldam hoje as ideias e opiniões de grupos cada vez maiores de indivíduos.

O Ciberespaço e os Cidadãos Virtuais

Há mais de trinta anos, o canadense Marshall McLuhan, um dos principais precursores da teoria da comunicação, formulou o famoso conceito de "aldeia global".

A "aldeia global" representava a transformação do mundo linear, especializado e visual - criado pela mídia impressa -, num mundo simultâneo e multissensorial - propiciado pela mídia eletrônica.

Antes, era uma coisa atrás da outra, uma de cada vez. Hoje, é tudo ao mesmo tempo, em todo Lugar. Na "aldeia global" tudo se fala tudo se ouve. A Internet criou um novo espaço para o pensamento, para o conhecimento e para a comunicação. Esse espaço não existe fisicamente, mas virtualmente. É o ciberespaço - o espaço virtual é formado por cada computador e por cada usuário conectado nessa imensa rede.

Não há como escapar. O ciberespaço tomou conta do planeta. Engoliu todos nos - pessoas, máquinas e replicantes -, incorporando nossas virtudes e nossos defeitos. O ciberespaço deu vida a "aldeia global". Ele é a alma de um novo mundo em formação.

Adaptado de - Erico Guizzo. Internet. São Paulo, Ática, 1999. p. 41-2.

2.5 Interação Social

Na sala de aula, professor e alunos estão em contato social, estabelecendo-se uma intercomunicação entre eles e também entre alunos e alunos.

Ao aprenderem com o professor, o comportamento dos alunos sofre modificações. Também o professor se modifica: sua explicação da matéria é diferente de uma turma para outra, pois pode precisar se deter num ponto que para uma classe de alunos mostra-se mais difícil do que para outra; pode mesmo mudar de opinião após uma discussão em classe.

Portanto, o professor influencia os alunos e é influenciado por eles. Dizemos, então, que existe entre professor e alunos uma interação social.

O aspecto mais importante da interação social é que ela modifica o comportamento dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelecem entre eles.

Desse modo, o simples contato físico não é suficiente para que haja interação social. Por exemplo, se alguém se senta ao lado de outra pessoa num ônibus, mas não conversa com ela, não há interação social.

Os contatos sociais e a interação constituem condições indispensáveis a associação humana.

Os indivíduos se socializam por meio dos contatos e da interação social.

A interação social pode ocorrer entre uma pessoa e outra, entre uma pessoa e um grupo ou entre um grupo e outro. Assim:

Pessoa ↔ pessoa

grupo ↔ pessoa

grupo ↔ grupo

A interação social supõe, assim, a existência de reciprocidade nas ações entre indivíduos.

Entretanto, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, novos tipos de contato social vêm se afirmando.

Para explicá-los teoricamente, foi criado o conceito de interatividade. Entende-se por interatividade a possibilidade de trocas simultâneas de informações e o acesso imediato a qualquer parte do mundo; ela traduz, particularmente, uma qualidade técnica das chamadas "máquinas inteligentes".

Em seu livro *Cibercultura* (1997), Pierre Levy se refere a diferentes tipos de interatividade, que vão da mensagem linear a mensagem participativa.

A mensagem linear se dá por intermédio de meios de comunicação como a imprensa, rádio, a TV, o cinema e até as conferências eletrônicas.

A mensagem participativa, por sua vez, é aquela que utiliza dispositivos como os videogames com um só participante, ou que envolve a comunicação em mundos virtuais, onde ocorre a troca de informações contínuas.

O que caracteriza a interatividade e a possibilidade de transformar, ao mesmo tempo, os envolvidos na comunicação em emissores e receptores, produtores e consumidores de mensagens.

2.5.1 Relação Social

Denomina-se relação social a forma assumida pela interação social em cada situação concreta. Assim, um professor tem um tipo de relação social com seus alunos, a relação pedagógica.

Duas pessoas em uma operação de compra e venda estabelecem outro tipo de relação social, a relação comercial. As relações sociais podem ainda ser políticas, religiosas, culturais, familiares etc.

2.6 Processos Sociais

Os alunos de uma escola resolvem fazer uma limpeza geral no salão de festas para o baile de formatura. Organizam-se, um ajuda o outro e logo o trabalho esta acabado. Esse resultado foi possível porque houve cooperação. A cooperação é um tipo de processo social.

A palavra processo designa a contínua mudança de alguma coisa numa direção definida. Processo social indica interação social, movimento, mudança. Os processos sociais são as diversas maneiras pelas quais os indivíduos e os grupos atuam uns com os outros, a forma pela qual os indivíduos se relacionam e estabelecem relações sociais.

Qualquer mudança proveniente dos contatos sociais e da interação social entre os membros de uma sociedade constitui, portanto, um processo social.

2.6.1 Tipos de Processos Sociais

No grupo social ou na sociedade como um todo, os indivíduos e os grupos se reúnem e se separam, associam-se e dissociam-se. Assim, os processos sociais podem ser associativos e dissociativos.

Os processos associativos estabelecem formas de cooperação, convivência e consenso no grupo. Já os dissociativos estão relacionados a formas de divergência, oposição e conflito, que podem se manifestar de modos diferentes.

Os principais processos sociais associativos são cooperação, acomodação e assimilação.

Os principais processos sociais dissociativos são competição e conflito.

A seguir, vamos estudar os processos associativos e dissociativos. Você vai perceber que não seguimos a ordem apresentada no esquema anterior, Isso se deve, em parte, a necessidade de se priorizarem certos processos, seja para facilitar a entendimento de outro, seja porque a partir dele podem surgir outros processos.

Cooperação – A cooperação é a forma de interação social na qual, diferentes pessoas, grupos ou comunidades trabalham juntos para um mesmo fim.

São exemplos de Cooperação, a reunião de vizinhos para limpar a rua, ou de pessoas para fazer uma festa; mutirões de moradores para construir conjuntos habitacionais; sociedades cooperativas etc.

A Cooperação pode ser Direta ou Indireta.

Cooperação Direta – compreende as atividades que as pessoas realizam juntas, como é o caso dos mutirões.

Cooperação Indireta – é aquela em que as pessoas, mesmo realizando trabalhos diferentes, necessitam indiretamente umas das outras, por não serem autossuficientes.

Tomemos a exemplo de um médico e de um lavrador: o médico não pode viver sem o alimento produzido pelo lavrador, e este necessita de cuidados médicos quando fica doente.



Beneficiamento de castanha-do-pará na Cooperativa Chico Mendes em Xapuri, Acre, em março de 2002.

Cooperativa é um tipo de organização econômica na qual as pessoas se associam em igualdade de condições para executar determinadas atividades produtivas ou de comercialização.

É uma forma de cooperação cujo objetivo consiste em juntar esforços para criar alternativas de trabalho que não se submetam a lógica do lucro capitalista.

Competição – “No uso recente, competição é a forma de interação que implica luta por objetivos escassos; essa interação é regulada por normas, pode ser direta ou indireta, pessoal ou impessoal, e tende a excluir o uso da força e da violência”.

Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 218

A competição pode levar indivíduos a agir uns contra os outros em busca de uma melhor situação. Ela nasce dos mais variados desejos humanos, como ocupar uma posição social mais elevada, ter maior importância social, conquistar riqueza e poder, vencer torneio esportivo etc.

Ora, nem todos podem obter os melhores lugares nas esferas sociais, pois os postos mais importantes são em número muito menor que seus pretendentes, isto é, são escassos.

Assim, os que pretendem alcançá-los entram em competição com os demais concorrentes. Nessa disputa, as atenções de cada competidor estão

voltadas para a recompensa e não para os outros concorrentes.

Para entender melhor conceito de competição, leia o texto a seguir.

Emprego – a luta por um lugar ao sol

Existem dois dados fundamentais a respeito das mudanças ocorridas no mundo do emprego no Brasil. O primeiro é que a taxa de escolaridade média de quem está empregado subiu muito - e isso exige dos candidatos a uma vaga que estudem mais.

O outro dado igualmente importante é que subiu também a taxa de escolaridade dos desempregados. Sabe o que isso significa? Que estudar cinco anos apenas não garante emprego a ninguém.

Até o começo dos anos 1990, a escolaridade não era condição indispensável para se arranjar trabalho.

Praticamente um terço dos operários da construção civil e das montadoras de automóveis não tinha sequer o ensino fundamental, e isso jamais representou impedimento.

Entretanto, quando as fronteiras se abriram para a concorrência estrangeira, o país viu-se obrigado a encarar uma nova realidade: enquanto as montadoras europeias precisavam de dez operários para fazer um carro, a Brasil empregava vinte.

Na indústria de alimentos a situação era pior. Para realizar o trabalho de um operário americano eram necessários cinco brasileiros.

Para sobreviver num mundo globalizado e competitivo, as empresas foram forçadas a se submeter a uma reestruturação brutal. Estima-se que 2 milhões de postos de trabalho tenham sido fechados na última década. Só na indústria automobilística e no setor financeiro desapareceram quase 800 mil vagas.

Nas grandes companhias, a concorrência por um Lugar como estagiário se mostra muito mais acirrada que um vestibular de medicina. Existem até um mil candidatos por vaga nas grandes empresas.

Veja Especial, maio 2002.

O texto da Veja que acabamos de ler revela dois casos de competição: a que existe entre países que disputam uma fatia do mercado mundial (“concorrência estrangeira”) e a disputa entre desempregados por postos de trabalho (neste caso, na proporção de mil para um).

O lojista que procura conquistar os fregueses de outro comerciante e os estudantes que lutam por uma vaga no vestibular está igualmente envolto

numa relação de competição, da mesma forma que atletas em um torneio esportivo.

Há sociedades que estimulam mais a competição que outras. Entre as tribos indígenas, por exemplo, as relações não são tão acentuadamente competitivas como na sociedade capitalista. Esta última estimula os indivíduos a competirem em todas as suas atividades – na escola, no trabalho e até no lazer –, exacerbando o individualismo em prejuízo da cooperação.

Conflito

Quando a competição assume características de elevada tensão social, sobrevém o conflito.

Diariamente, vemos e ouvimos no noticiário dos jornais, do rádio e da televisão relatos de conflitos em diversas partes do mundo: combates na Colômbia entre tropas do governo e guerrilheiros ou narcotraficantes; ocupações de fazendas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), no interior do Brasil, às vezes seguidas (ou precedidas) de assassinatos de líderes sindicais a mando de grandes fazendeiros; motins e fugas de menores da Fundação Estado do Bem-Estar do Menor (Febem), em São Paulo, conflitos entre israelenses e palestinos no Oriente Médio. Conflito social é um processo social, pois provoca mudanças na sociedade.

Tomemos o exemplo dos negros norte-americanos. Depois de violentos choques com a polícia durante os 1960, eles conseguiram ver reconhecidos seus direitos civis.

Passados mais de trinta anos, embora certas formas de racismo e discriminação ainda persistam nos Estados Unidos, negro integrou-se, pelo menos em parte, a sociedade norte-americana.

Assim, diversos negros ocupam hoje, posição de destaque, até mesmo no governo dos Estados Unidos, o que antes era impensável. É o caso, por exemplo, de Colin Powell – Secretário de Estado do Governo George W. Bush, iniciado de 2001 e de sua colega Condoleeza Rice – assessora para assuntos de Segurança da Presidência.



Manifestantes atiram pedras nas forças de repressão durante conflito de Rua em Belfast, Irlanda do Norte, em julho de 1970. A Irlanda do Norte, ou Ulster, faz parte da Grã-Bretanha. Sua população esta dividida entre uma maioria de

protestantes e uma minoria católica. Esses dois grupos vêm se enfrentando em um longo conflito político-religioso que já dura mais de oitocentos anos.

Já no Brasil, o preconceito racial nunca foi tão ostensivo quanto nos Estados Unidos. Além disso, sempre foram comuns aqui as uniões inter-raciais, e a miscigenação da população é um fato que não se pode negar (ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos). Por essa razão, há quem afirme que no Brasil temos uma “democracia racial”.

Na prática vemos que não é bem assim. Apesar de a legislação brasileira proibir quaisquer manifestações de preconceito e discriminação racial, as desigualdades sociais entre brancos e negros ainda estão longe de terem sido superadas. Elas indicam também alguma forma de racismo.

Competição e Conflito

Comparando a competição e o conflito, podemos destacar as seguintes características:

- ✓ a competição pode tomar a forma de luta pela existência, como a que se estabelece entre indivíduos para obtenção de alimento ou emprego, por exemplo; o conflito pode tomar a forma de rivalidade, disputa, revolta, revolução, litígio e guerra.
- ✓ o conflito é bem evidente na luta entre seitas religiosas intolerantes, ou entre patrões e empregados em determinadas situações (greves, por exemplo), nas disputas pela posse da terra, ou ainda na guerra entre nações;
- ✓ a competição pode se transformar em conflito.

Vejamos um exemplo. Quando numa escola os alunos lutam para passar de ano, eles não consideram seus companheiros de classe como adversários, pois sua atenção esta dirigida para a obtenção de boas notas.

Alguns estudantes, porém, podem passar a encarar seus colegas como rivais, quando não desejam apenas passar de ano, mas superá-los. Um estudante que pretende passar em primeiro lugar pode entrar em conflito com colegas que tenham a mesma pretensão.

- ✓ a competição pode ser consciente ou inconsciente;
- ✓ o conflito é sempre consciente, ou seja, os adversários sabem que estão em conflito;
- ✓ a competição é impessoal; o conflito é pessoal e, portanto, emocional;
- ✓ o conflito pode implicar violência ou ameaça de violência; já a competição não envolve violência;

✓ enquanto a competição é contínua, o conflito não pode durar permanentemente com o mesmo nível de tensão;

✓ no conflito, o primeiro impulso dos oponentes é tentar agredir e destruir o adversário. Pessoas ou grupos em conflito podem canalizar sua tensão tanto para a guerra como para a criminalidade, ou ainda reduzi-la a um processo de acomodação.

Conflito e criminalidade

Assistimos de forma generalizada a um aumento da agressividade nas relações entre as pessoas. Em muitas cidades do mundo vive-se um clima de guerra civil, com quadrilhas organizadas, gangues, narcotráfico internacional, sequestros, assaltos, chacinas etc.

A intolerância e a desconfiança para com o vizinho, para com pessoas estranhas e dentro da própria família é cada vez maior. Na medida em que a esfera da vida privada tende a ser invadida pelos meios de comunicação de massa (principalmente o rádio e a televisão), os conflitos se tornam conhecidos e as agressões são divulgadas de maneira sensacionalista.

Assim, a violência e a hostilidade tendem a se banalizar e a se generalizar. Esse comportamento é incentivado pelo individualismo da sociedade contemporânea e pela intolerância, que levam as pessoas a não aceitar o "outro", o "estranho", o "estrangeiro", o "diferente". (...)

O que se percebe, para além dos conflitos entre nações, é que cresce a violência no interior do país e na periferia das médias e grandes cidades, em especial nos países pobres e emergentes, onde a instabilidade, a descrença nos poderes públicos e a sensação de abandono e insegurança são mais acentuadas.

Resenha do livro *The great disruption (A grande ruptura)*, de Francis Fukuyama. O Estado de S. Paulo, 30.5.99.

Terrorismo

O conflito pode levar ainda a outra forma extrema de violência: o terrorismo, resultado na maioria das vezes do extremismo político ou religioso (neste caso, chamado de fundamentalismo).

Enquanto todas as formas de conflito, inclusive as guerras, levam a uma solução, seja pelos processos de acomodação, seja pela assimilação, o mesmo não ocorre com o terrorismo. Incapaz de impor-se pela ação política ou pela força das ideias, ele procura destruir o adversário sem medir as consequências.

Durante certo tempo, cientistas sociais consideraram o terrorismo uma característica de sociedades retrógradas. Alguns chegaram a supor que o processo de modernização das sociedades

iria, cedo ou tarde, por um fim aos atentados, mesmo que em um ou outro lugar pudessem ocorrer atos isolados.

Os acontecimentos mais recentes, contudo, não comprovam essa teoria. O sacrifício de pessoas em nome de uma causa entra, dessa maneira, na era da globalização.

O atentado de 11 de setembro de 2001 - quando foram destruídas as torres gêmeas do World Trade Center de Nova York, nos Estados Unidos - mostra que nenhum país está imune a esse perigo. Ele pode atingir igualmente militares e civis inocentes; pode ocorrer na Nigéria, na Arábia Saudita, na Inglaterra, nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar do mundo,

O terrorismo encontra adeptos entre pessoas e grupos que se sentem excluídos num mundo que esta se globalizando rapidamente. Alguns deles temem perder suas culturas e tradições religiosas, como ocorre com os fundamentalistas muçulmanos. Outros se desesperam porque estão impedidos de ter sua própria pátria - ou seja, seus Estados nacionais e soberanos.

Este é o caso dos curdos, na Turquia e no Iraque, e dos palestinos no Oriente Médio. Em sua ação devastadora, provocam uma reação igualmente perversa: o terrorismo de Estado.

Acomodação

Nem todo conflito termina com a extinção do oponente derrotado. Em alguns casos, este pode aceitar as condições impostas pelo vencedor para fugir a ameaça de destruição. Ocorre, assim, um processo de acomodação, pois o vencido aceita as condições do vencedor e adota uma posição de subordinação.

A escravização dos povos vencidos, comum na Antiguidade, é um caso típico de acomodação. Quando alguém cumpre uma lei ou segue um costume com os quais não concorda, só para evitar sanções ou divergências, também se enquadra num processo associativo de acomodação. Da mesma forma, um estrangeiro pode não apreciar o modo de vida do país em que reside, mas acaba por aceitá-lo para evitar constrangimentos.

Normalmente, muitos imigrantes entram num processo de acomodação quando chegam a outro país: deixam de lado sua língua e seus costumes, adaptam-se a nova vida, procurando se prevenir contra possíveis conflitos.

Desse modo, a acomodação é o processo social pelo qual o indivíduo ou o grupo se ajusta a uma situação de conflito, sem que ocorram transformações internas.

Trata-se, portanto, de uma solução superficial do conflito, pois este continua latente, isto é, pode

voltar a se manifestar. Isso acontece porque nos processos de acomodação continuam prevalecendo os mesmos sentimentos, valores e atitudes internas que separam os grupos. As mudanças são apenas exteriores e manifestam-se somente enquanto comportamento social.

Os escravos, por exemplo, nunca aceitaram a situação de servidão que lhes era imposta apenas se acomodavam à dominação, mas sempre que podiam se rebelavam.

Revoltas de escravos aconteceram em diversas épocas da história. A mais famosa delas ocorreu na península Itálica entre 73 e 71 a.C., quando cerca de 120 mil escravos se reuniram sob a liderança de Espartaco e formaram um exército que chegou a ameaçar o poderio de Roma.

A acomodação é, assim, o ajustamento de indivíduos ou grupos apenas nos aspectos externos de seu comportamento. Ela atenua o conflito. Mas este só desaparece com a assimilação.

Assimilação

A assimilação é a solução definitiva e mais ou menos pacífica do conflito social. Trata-se de um processo de ajustamento pelo qual os indivíduos ou grupos antagônicos tornam-se semelhantes.

Difere da acomodação porque implica transformações internas nos indivíduos ou grupos, sendo estas geralmente inconscientes e involuntárias. Tais modificações internas envolvem mudanças na maneira de pensar, de sentir e de agir.

A assimilação se dá por mecanismos de imitação, exigindo certo tempo para se completar. É um processo longo e complexo.

O exemplo típico de assimilação é o do imigrante. Ele, que a princípio se acomodou no novo país, vai aos poucos, sem perceber, deixando-se envolver pelos costumes, símbolos, tradições e língua da nova pátria.

No Brasil, tivemos vários casos de assimilação, entre os quais o dos alemães em Santa Catarina e o dos italianos em São Paulo.

No início, esses imigrantes falavam sua própria língua e conservavam seus valores e costumes.

Ao preservar essas características, cada grupo se constituía em uma espécie de corpo estranho na sociedade brasileira.

Apenas quando as características marcantes da cultura de origem se atenuaram ou se desfizeram – sendo substituídas pelos hábitos e costumes locais – os imigrantes puderam ser assimilados pela nossa sociedade.

Com o tempo, eles se desfizeram de sua identidade cultural e passaram a observar os

sentimentos e valores da nova cultura, tornando-se parte integrante da sociedade adotada.

Concluindo, o aspecto importante da assimilação é que ela implica uma transformação da personalidade.

O processo de assimilação atinge áreas profundas e extensas da personalidade, determinando novas formas de pensar, sentir e agir.

Compreensão

1. O que faz a personalidade de um lavrador ser tão diferente da de um empresário urbano apesar de viverem no mesmo país?

2. Qual a principal diferença entre contatos sociais primários e secundários?

3. Defina sociabilidade e socialização.

4. Em que tipo de situação social vive um eremita?

5. Cite dois exemplos de ambientes ou de grupos que contribuem ativamente para a socialização do indivíduo.

6. Cite um exemplo de interação social que ocorre na família.

7. Qual a principal diferença entre assimilação e acomodação?

8. Defina e dê um exemplo de competição e conflito.

9. Relacione três exemplos de cooperação direta e três de cooperação indireta extraídos do cotidiano.

Capítulo 03

Comunidade, Sociedade, Cidadania, Minorias

Estamos habituados a falar de comunidade como sinônimo de sociedade ou de outros agrupamentos humanos. É comum, por exemplo, ouvirmos a expressão "comunidade internacional" para designar o conjunto das nações existentes no mundo. Também se utiliza a expressão para fazer referência a população de uma cidade, de um bairro ou de uma rua.

Para os sociólogos, contudo, a palavra comunidade não designa a mesma coisa que sociedade. Na verdade, como veremos mais adiante, muitos cientistas sociais consideram comunidades apenas determinados agrupamentos humanos de base territorial limitada e nos quais predominam relações pessoais de parentesco ou de vizinhança.

3.1 Comunidade



Segundo esses autores, só se pode falar de comunidade quando se esta diante de grupos sociais unidos por laços afetivos – e não por vínculos impessoais, como acontece nas grandes cidades. De fato, a proximidade física entre as pessoas, que a vida em pequenas comunidades proporciona, permite vínculos mais significativos entre elas e, portanto, um maior sentimento de solidariedade.

Assim, os limites territoriais e o caráter (primário) dos contatos sociais são dois dos aspectos levados em conta pelo sociólogo para identificar, descrever e analisar uma comunidade.

Características de uma Comunidade

Costuma-se definir comunidade por meio de quatro características principais:

- a) **Nitidez** – São os limites territoriais da comunidade, ou seja, onde ela começa e onde termina do ponto de vista espacial-geográfico;
- b) **Pequenez** – a comunidade é uma unidade de pequenas dimensões, limitando-se quase sempre a uma aldeia ou conjunto de aldeias;
- c) **Homogeneidade** – as atividades desenvolvidas por pessoas de mesmo sexo e faixa de idade, assim como seu estado de espírito, são muito parecidos

entre si; o modo de vida de uma geração é semelhante ao da precedente;

d) **Relações Pessoais** – em uma comunidade, as pessoas se relacionam por meio de vínculos pessoais, diretos e geralmente de caráter afetivo ou emocional.

Ao mesmo tempo, a pequena comunidade cultiva uma forma de vida que acompanha seus membros do berço ao tumulto. O texto a seguir trata do desaparecimento de pequenas comunidades na região do Mediterrâneo (Sul da Europa) diante da indústria e da globalização.

Leitura e análise de texto

Crônica de uma morte anunciada

Em grande parte das pequenas cidades rurais do Mediterrâneo na Sicília na Calábria, mas também em Múrcia (regiões da Itália) e no Peloponeso (Grécia), a situação tem mudado radicalmente nas últimas décadas. Essas aldeias, quando ainda não estão abandonadas, são habitadas, em sua maior parte, por idosos. Os diversos países dessa parte do Mediterrâneo parecem estar em etapas diferentes de um mesmo processo.

No início, os homens partem sozinhos da aldeia, enviam dinheiro para casa para alimentar a família e comprar um pedaço de terra ou uma loja. Preparam, assim, a volta ou sonham com ela. Depois, quando já não há mais nenhuma esperança de retorno, as mulheres também partem com seus filhos, e a ruptura torna-se definitiva. Após viver um breve período de prosperidade, graças ao dinheiro enviado por seus filhos, a aldeia acaba "morrendo".

Essa emigração em massa mostra uma parte do Mediterrâneo que vem perdendo expressão econômica pelo atraso com que busca entrar na era industrial. As economias da região entram em declínio, seus poucos habitantes se sentem ameaçados e cada vez mais dependentes.

Na Itália pós-unificada (1870), na África do Norte da época colonial (século XIX), na Espanha e em Portugal dos anos de 1950, na Iugoslávia e na Turquia dos anos de 1960 ou 1970, a história se repete: a abertura de mercado desses países para o exterior e a vontade de seus dirigentes de desenvolver suas economias acarretou uma grave crise das sociedades rurais tradicionais.

Isso provoca a emigração em massa dessas populações para as cidades ou mesmo para outros países, onde esperam conseguir trabalho.

A aldeia deixa atrás de si apenas a lembrança saudosa de um modo de vida tradicional, condenado a desaparecer ou a ser reinventado pelo turismo.



A atual crise é algo mais do que a terra que morre. Ela indica que os seculares laços de solidariedade essenciais, que caracterizam essas comunidades, estão seriamente ameaçados de desaparecer.

Dessa forma, a decadência dessas cidades não significa apenas uma perda econômica, mas o fim de uma forma social de convivência, de uma cultura, na qual as relações entre as pessoas são marcadas por vínculos de afetividade muito fortes, a solidariedade essencial.

(Por solidariedade essencial entendemos as relações de troca afetiva e material que geralmente se estabelecem nas pequenas organizações comunitárias. Elas podem ser representadas pelas pequenas cidades e vilarejos, com sua praça, ruas estreitas, igreja, missa dominical, escola, cerimônias de casamentos, festas comunitárias, pequenas comunidades regidas por hábitos e costumes, em que a solidariedade entre os indivíduos é favorecida, entre outros fatores, pela proximidade física).

Adaptado de – Fernand Braude! *Os homens e a herança do Mediterrâneo*. São Paulo, Martins Fontes, 1988. p. 43.

1. Que fatores estão provocando a “morte” da comunidade descrita no texto acima?

2. Quais as principais características das relações estabelecidas pelas pessoas dessa comunidade do Mediterrâneo?

A Internet e as Comunidades Virtuais

Recentemente, o conceito de comunidade sofreu algumas transformações. Nas grandes cidades de todo o mundo assiste-se hoje a formação de tribos urbanas como os punks, os surfistas, os rappers, as gangues de periferia. São microgrupos cujos membros não têm outro objetivo senão o de estarem juntos.

Ao lado deles surgem também grupos formados pelo contato virtual proporcionado por redes de computadores como a Internet. A esses grupos tem-

se aplicado – de uma forma talvez pouco apropriada – a expressão comunidades virtuais.

Banks e Marcelinho, *rappers* do Centro Cultural Canhema. Diadema, São Paulo, outubro de 1998. Devido a divisões impostas pela sociedade industrial, muitas pessoas, sobretudo na periferia das grandes cidades, procuram recuperar alguns dos valores da comunidade, criando movimentos e tribos urbanas, como os *rappers*, os *punks* e outros, unidos por fortes laços de solidariedade

Nessas novas "comunidades" ocorre a inversão do processo de formação dos laços de afinidade social. Nas relações sociais tradicionais, quando conhecemos uma pessoa pela primeira vez, o encontro se dá, fisicamente, no "mundo real".

A partir desse contato inicial, e à medida que vamos aprofundando o conhecimento, trocamos informações, identificamos pontos de vista comuns, criamos laços de afinidade.

Nas comunidades virtuais, cuja comunicação é eletrônica, o processo é inverso. As primeiras interações são realizadas a partir de interesses comuns, previamente determinados.

O encontro pessoal poderá se realizar no futuro, mas ele não é fundamental para o funcionamento da interatividade.

Isso se torna evidente nos grupos de conversação da Internet, quando pessoas entram em contato para discutir futebol, filosofia, música e outros temas sem nunca se terem visto ou pretenderem se encontrar.

As tribos eletrônicas, que se formam no coração do ciberespaço, são expoentes da era tecnológica, que esta promovendo o casamento entre a Informática e as novas formas de sociabilidade pós-modernas.

A cibercultura é um fenômeno recente, em expansão contínua, e, como tal, sem regras ou limites ainda definidos, funcionando basicamente a partir de uma comunicação espontânea, sem que se saiba quem é e onde está o outro. A presença física deixa de ser, assim, uma das precondições para a realização do contato.

O que mantém as Comunidades

Com o avanço da industrialização e da urbanização, as comunidades tradicionais foram perdendo seu poder de integração. À medida que isso acontecia, elas ainda se mantinham unidas mais por uma necessidade imposta socialmente – quando não por coerção – do que por aquilo que seus integrantes tinham em comum. Muitos comportamentos foram mantidos, ainda que perdessem suas funções.

É o que acontece com a família, que para muitos está em franca decadência. Trata-se, até certo ponto, de um equívoco. É verdade que um número substancial de casamentos tem terminado em divórcio, principalmente nos centros urbanos. Mas os casamentos não duram menos hoje do que há cem ou 150 anos,

Temos exemplos disso em obras de literatura do século XIX, que retratam famílias internamente desfeitas, mas que permaneciam unidas para manter a aparência imposta pela sociedade, apenas para representar um papel social. Apegar-se a família era uma necessidade vital; ser repudiado por ela, uma catástrofe.

Uma cena comum nas peças e filmes norte-americanos do início do século XX era a do pai expulsando de casa a filha que dava a luz um filho ilegítimo. Sobravam a ela poucas opções sociais, além da prostituição e do suicídio,

Atualmente, a ligação familiar é uma associação voluntária, afetiva e de respeito mútuo e não se dá mais por uma imposição social.

Entretanto, a mobilidade geográfica e ocupacional de hoje, de forma geral, retira as pessoas do lugar e da classe social a que pertencem, ou da cultura em que nasceram em que estiveram presentes seus pais, irmãos e outros familiares. Atua, assim, no sentido de desagregar a unidade familiar.

Desse modo, o desaparecimento gradativo das formas de comunicação tradicionais e de um modo de vida comunitário obriga as pessoas a criar novas formas de relacionamento, novas associações, outro tipo de organização social.



3.2 Sociedade

Como vimos, os sociólogos costumam fazer distinção entre sociedade e comunidade. Em sentido amplo, a expressão sociedade refere-se a totalidade das relações sociais entre os seres humanos. Em sentido mais estrito, ela é contraposta pelos sociólogos ao conceito de comunidade.

Nesse caso, sociedade seria uma associação humana caracterizada por relações baseadas em convenções e não em laços afetivos. Segundo o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936), enquanto a comunidade está ligada internamente por uma vontade coletiva natural, na sociedade

predomina a vontade artificial, deliberada, proposital.

Comunidade e Sociedade

Para o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, a comunidade é definida pelo ato de "viver junto, de modo íntimo, privado e exclusivo", como na família, nos grupos de parentescos, na vizinhança e na aldeia camponesa. Já sociedade é definida como "vida pública", como uma associação na qual se ingressa consciente e deliberadamente.

Nas comunidades, os indivíduos estão envolvidos como pessoas completas, que podem satisfazer todos os seus objetivos no grupo. Nas sociedades, os indivíduos também se encontram envolvidos entre si; mas a busca da realização de certos fins comuns é específica e parcial.

Uma comunidade é unida por um acordo de sentimentos ou emoções entre pessoas, ao passo que a sociedade é unida por um acordo racional de interesses, ou seja, por regras e convenções racionalmente estabelecidas.

Tönnies elaborou seu conceito de comunidade a partir da observação das sociedades camponesas europeias pré-modernas. Essas sociedades comunitárias estavam unidas por uma densa rede de relações pessoais baseadas em laços de parentesco e no contato social direto.

As normas de convivência não eram escritas e, por meio delas, os indivíduos estavam ligados numa teia de completa interdependência, que envolvia todos os aspectos da vida social: a família, o trabalho, a religião, as poucas atividades de lazer etc.

Assim, a comunidade é um tipo de agrupamento humano no qual se observa um elevado grau de intimidade e coesão entre seus membros.

Nela predominam os contatos sociais primários e a família tem um papel especial.

A sociedade, em contrapartida, é formada por um conjunto de leis e regulamentos racionalmente elaborados. É o que acontece, por exemplo, nas grandes sociedades urbanas industriais.

Ali, as relações sociais tendem a ser formalizadas e impessoais; os indivíduos não mais dependem uns dos outros para seu sustento e estão muito menos comprometidos moralmente entre si.

Portanto, a expressão sociedade designa agrupamentos humanos que se caracterizam pelo predomínio de contatos sociais secundários e impessoais, próprios da sociedade industrial, em que há uma complexa divisão do trabalho e o Estado é sustentado por forte aparato burocrático.



Um tipo de comunidade antiga, mas com características muito específicas, é a formada pelos ciganos. Originários provavelmente da Índia em tempos remotos e hoje disseminados pelo mundo, compõem uma etnia que abrange 6 milhões de pessoas.

Povo de vida nômade, os ciganos deslocam-se em agrupamentos formados por grupos familiares, sob a liderança de um chefe vitalício. Tem uma cultura própria e vivem da música, do artesanato, da leitura da sorte e do comércio de cavalos. Na foto, mulheres ciganas em acampamento provisório.

3.3 Cidadania



Um tipo de comunidade antiga, mas com características muito específicas, é a formada pelos ciganos.

Originários provavelmente da Índia em tempos remotos e hoje disseminados pelo mundo, compõem uma etnia que abrange 6 milhões de pessoas. Povo de vida nômade, os ciganos deslocam-se em agrupamentos formados por grupos familiares, sob a liderança de um chefe vitalício.

Tem uma cultura própria e vivem da música, do artesanato, da leitura da sorte e do comércio de cavalos. Na foto, mulheres ciganas em acampamento provisório.

Algumas características da sociedade contemporânea, como vimos, atuam no sentido de desagregar valores cultivados nas antigas comunidades.

Entre esses valores estão a solidariedade, a vida familiar, a igualdade de oportunidades, a participação política etc.

Entretanto, no interior da própria sociedade moderna existem forças que se opõem fortemente a essas tendências desagregadoras. Isso acontece porque todas as sociedades pós-industriais são sociedades democráticas.

Ora, o regime democrático se caracteriza pelo respeito aos direitos humanos, pelo "império da lei" (todos são iguais perante a lei e ninguém está acima dela), pela pluralidade de partidos políticos, pelo voto livre e universal e pela alternância no poder.

Um dos fundamentos do regime democrático é o conceito de cidadania. Segundo o sociólogo Herbert de Souza (Betinho), "cidadão é um indivíduo que tem consciência de seus direitos e deveres e participa ativamente de todas as questões da sociedade".

Tudo o que acontece no mundo, acontece comigo. Então eu preciso participar das decisões que interferem na minha vida. Um cidadão com um sentimento ético forte e consciente da cidadania não deixa passar nada, não abre mão desse poder de participação (...).

A ideia de cidadania ativa é ser alguém que cobra, propõe e pressiona o tempo todo. "O cidadão precisa ter consciência de seu poder".

In: Belizário Santos Jr. et alli. Cidadania, verso e reverso. São Paulo, Secretaria da Justiça e da Cidadania, 1998. p. 11.

A cidadania está diretamente vinculada aos direitos humanos, uma longa e penosa conquista da humanidade que teve seu reconhecimento formal com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Na época - marcada pela vitória das nações democráticas contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) -, ela abria a perspectiva de um novo mundo, em que haveria paz, liberdade e prosperidade: uma esperança que acabou não se realizando.



Os direitos sociais - como a jornada de oito horas de trabalho, férias, aposentadoria e descanso semanal remunerado.

O direito a educação e a assistência médica - foram conquistados pelos trabalhadores depois de muitos anos de luta.

Hoje, alguns direitos vêm sendo questionados pela política neoliberal, despertando insatisfação e revolta entre os assalariados.

Na foto, trabalhadores aposentados protestam em janeiro de 1992, no Rio de Janeiro, contra decisão do governo Fernando Collor de não pagar o reajuste de 147% na aposentadoria.

Nascimento e transformações do conceito de cidadania

Os direitos sociais - como a jornada de oito horas de trabalho, férias, aposentadoria e descanso semanal remunerado.

O direito a educação e a assistência médica - foram conquistados pelos trabalhadores depois de muitos anos de luta.

Hoje, alguns direitos vêm sendo questionados pela política neoliberal, despertando insatisfação e revolta entre os assalariados.

Na foto, trabalhadores aposentados protestam em janeiro de 1992, no Rio de Janeiro, contra decisão do governo Fernando Collor de não pagar o reajuste de 147% na aposentadoria.

No começo da Idade Moderna, o conceito de cidadania estava associado ao burguês, não ao conjunto da sociedade.

A começar pela etimologia da palavra, havia uma separação entre o homem urbano e o homem rural, uma vez que a palavra cidadão referia-se somente aos habitantes da cidade.

A noção de cidadania, porém, é anterior a Idade Moderna e teve suas origens na Grécia e em Roma antigas.

A Grécia Antiga era formada por cidades-estado autônomas, conhecidas como polis.

Em algumas delas vigorava a democracia direta, regime político no qual os cidadãos, chamados de poitai, participavam das decisões do governo da cidade por meio de assembleias. Entretanto, nem os escravos nem os estrangeiros eram considerados cidadãos.

Com a queda do Império Romano, em 476, desapareceu o conceito de cidadania na Europa. Na Idade Média, não havia cidadãos. Os senhores feudais tinham servos da gleba, as cidades tinham burgueses, a Igreja comungantes e o rei vassalos e súditos.

Com a Revolução Americana (1776) e a Francesa (1789), o conceito de cidadania voltou a ocupar um lugar central na vida política.

A partir de então, ampliou-se e aprofundou-se cada vez mais, até agregar todos os indivíduos das sociedades democráticas modernas.

Como termo político, cidadania significa exercício de direitos, compromisso ativo, participação política, responsabilidade.

Significa participar da vida na comunidade, na sociedade, no país. Sem a cidadania não pode haver aquele compromisso responsável que garante o respeito aos direitos humanos e democráticos e que, em última análise, mantém unido o organismo político.

Ela poderá ser o agente mediador dos grandes conflitos que afligem hoje a humanidade. Os graves problemas políticos, raciais, étnicos, de desemprego e de exclusão social somente poderão ser superados com o pleno exercício da cidadania.

3.4 Minorias

O processo de globalização vem promovendo em todo o mundo a massificação, a homogeneização e a padronização cultural.

Vemos isso nas roupas, nos cortes de cabelo, nos calçados, nos automóveis, na música, na alimentação.

Ao retratar um mundo em que grandes contingentes de pessoas se transformam em robôs vivos de uma sociedade desumanizada, na qual todos se assemelham, os filmes de ficção científica parecem ficar cada vez mais próximos da realidade.

De certo modo, eles reproduzem um padrão de comportamento que esta sendo imposto pela globalização.



Diante desse panorama de grandes mudanças sociais – enquanto instituições tradicionais, até então inabaláveis, parecem cair em descrédito –, emerge uma sociedade complexa e diferenciada.

Nela, diversos grupos sociais minoritários – as minorias étnicas, religiosas, sexuais, políticas e regionais – buscam seu espaço social e geográfico, sua identidade social e cultural. As minorias se organizam cada vez mais para defender seus interesses, ressaltando suas particularidades.

Ao afirmar sua própria identidade e à medida que reivindicam direitos e contestam normas sociais por se sentirem excluídos, os grupos minoritários se propõem a organizar movimentos sociais, políticos, étnicos, raciais e sexuais, que vem dando um novo sentido a noção de cidadania.

A exclusão social tende a dar origem a diferentes grupos de excluídos entre as minorias.

Pode a maioria ser minoria?

A situação de exclusão de muitas minorias geralmente se origina da avaliação negativa que os grupos dominantes da maioria fazem delas, da sua discriminação e segregação.

Pode acontecer também, e não é raro, de uma minoria ser formada pela maior parte da população. São as minorias majoritárias.

Isso pode parecer contraditório, mas o fato é que as minorias majoritárias ocupam na estrutura de poder uma posição de subordinação diante de uma minoria autoritária e poderosa.

Os escravos de qualquer época e lugar são exemplos de minorias majoritárias diante de governos escravistas que formavam o grupo minoritário nesses sistemas.

Outro exemplo é apartheid da África do Sul, em que a maioria negra foi subjugada pela minoria branca.

Compreensão

1. Explique a importância dos limites territoriais para a análise sociológica de uma comunidade.

2. Cite as quatro principais características de uma comunidade. Depois, responda: o que você entende por comunidade homogênea?

3. Escolha uma minoria que se destaca no cenário brasileiro e escreva sobre sua atuação.

4. Qual a principal diferença entre comunidade e sociedade?

5. Explique o que são as minorias majoritárias e dê um exemplo.

Capítulo 04

Os Agrupamentos Sociais

Grupo, multidão, público, massa. O que caracteriza cada um desses tipos de agrupamento social? Quais São os mecanismos que sustentam os grupos? O que torna inseparáveis o status que um indivíduo ocupa na sociedade e os papéis sociais que ele desempenha?

A vida em sociedade é condição necessária à sobrevivência de nossa espécie e à constituição da própria ideia de humanidade. Assim, desde suas origens, a espécie humana sempre formou agrupamentos, como os grupos de parentesco e as famílias.

Para o sociólogo Karl Mannheim, os contatos e os processos sociais que aproximam ou afastam os indivíduos provocam o surgimento de formas diversas de associações.

Tais formas são os grupos sociais e os agregados sociais. Os agrupamentos sociais e as diversas formas pelas quais eles se manifestam são o tema central desta unidade.

4.1 Grupo Social

Procurando o verbete grupo social no *Novo Dicionário Aurélio*, encontramos a seguinte definição: "Forma básica da associação humana; agregado social que tem uma entidade (individualidade) e vida própria, e se considera como um todo, com suas tradições morais e materiais".

Para o psicanalista argentino José Bleger, "um grupo é um conjunto de pessoas que entram em interação, mas, além disso, o grupo é, fundamentalmente, uma sociabilidade estabelecida".

Complementando o conceito de Bleger sobre o que é um grupo social, o filósofo francês Jean- Paul Sartre afirma que "enquanto não se estabelecer a interação não existe grupo, há somente uma serialidade, em que cada indivíduo é equivalente a outro e todos constituem um número de pessoas equiparáveis e sem distinção entre si". (Um exemplo de serialidade são pessoas numa fila de ônibus ou de cinema. Elas estão juntas, mas não interagem, pois não se comunicam entre si. Não formam, portanto, um grupo).

Seja qual for a definição, uma coisa é certa: grupo social sempre significa a reunião de pessoas que estão mutuamente em interação (duas pessoas já podem formar um grupo). A partir daí cada ciência amplia o conceito de acordo com o objeto e objetivo de seus estudos.

Para a Sociologia, grupo social é toda reunião mais ou menos estável de duas ou mais pessoas associadas pela interação.



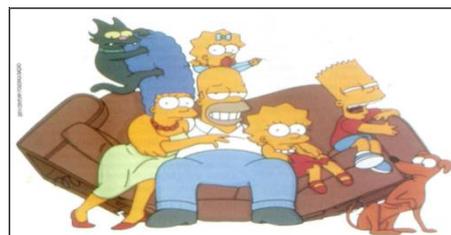
Devido à interação social, os grupos têm de manter alguma forma de organização, no sentido de realizar ações conjuntas de interesse comum a todos os seus membros.

Os grupos sociais apresentam normas, hábitos e costumes próprios, divisão de funções e posições sociais definidas. Como exemplos podemos apontar a família, a escola, a Igreja, o clube, a nação etc.

Principais Grupos Sociais

Ao longo da vida, as pessoas participam geralmente de vários grupos sociais. Eis alguns deles:

- a) **Grupo Familiar** – representado pela família;
- b) **Grupo Vicinal** – formado pela vizinhança;
- c) **Grupo Educativo** – desenvolvido na escola;
- d) **Grupo Religioso** – representado pelas instituições religiosas (católica, evangélica, espírita etc.);
- e) **Grupo de Lazer** – formado por clubes, associações esportivas, grupos de teatro etc.;
- f) **Grupo Profissional** – constituído por profissionais que trabalham em empresas, escritórios, lojas etc.;
- g) **Grupo Político** – formado pelos militantes de um partido político, por integrantes de organismos do Estado etc.



A família é um dos grupos sociais primários de maior importância no processo de socialização dos indivíduos.

Na foto, os Simpsons, personagens do desenho animado criado pelo norte-americano Matt Groening que satiriza a típica família de classe média dos Estados Unidos.

Principais características dos Grupos Sociais

Os grupos sociais se caracterizam por ter:

- ✓ **Pluralidade de Indivíduos** – grupo dá ideia de algo coletivo: há sempre mais de uma pessoa no grupo;
- ✓ **Interação Social** – para que haja grupo, é preciso que os indivíduos interajam uns com os outros em seu interior;
- ✓ **Organização** – todo grupo, para funcionar bem, precisa de certa ordem interna;
- ✓ **Objetividade e exterioridade** – os grupos sociais são superiores e exteriores ao indivíduo, isto é, quando uma pessoa entra no grupo, ele já existe; quando sai, ele continua a existir;
- ✓ **Conteúdo Intencional ou Objetivo Comum** – os membros de um grupo unem-se em torno de certos princípios ou valores para atingir um objetivo comum; quando uma parte deles coloca em dúvida algum desses princípios, o grupo se desagrega ou sofre divisões;
- ✓ **Consciência grupal ou Sentimento de "nós"** – são as maneiras de pensar, sentir e agir próprias do grupo; existe um sentimento mais ou menos forte de compartilhamento de uma série de ideias, pensamentos e modos de agir;
- ✓ **Continuidade** – as interações passageiras não chegam a formar grupos sociais estáveis; para isso, é necessário que as interações tenham certa duração, como acontece, por exemplo, com a família, a escola, a Igreja etc.; mas há grupos de duração efêmera, que aparecem e desaparecem com facilidade, como os mutirões para a construção de casas populares.

Tipos de Grupos Sociais

Já estudamos em outro capítulo a classificação dos contatos sociais em primários e secundários. Da mesma forma, os grupos sociais podem ser classificados em:

- ✓ **Grupos Primários** – aqueles em que predominam os contatos primários, isto é, os contatos pessoais diretos; exemplos: a família, os vizinhos, o grupo de lazer;
- ✓ **Grupos Secundários** – grupos sociais mais complexos, como as igrejas e os partidos políticos, em que predominam os contatos secundários; os contatos sociais, nesse caso, realizam-se de maneira pessoal e direta, mas sem intimidade; ou de maneira indireta, por meio de cartas, Internet etc.;
- ✓ **Grupos Intermediários** – aqueles em que se alternam e se complementam as duas formas de contatos sociais: primários e secundários; um exemplo desse tipo de grupo é a escola.

4.2. Agregados Sociais

Para o sociólogo Karl Mannheim existem sensíveis diferenças entre Grupos Sociais e Agregados Sociais.

Agregado social é uma reunião de pessoas com fraco sentimento grupal e frouxamente aglomeradas. Mesmo assim, conseguem manter entre si um mínimo de comunicação e de relações sociais.

O agregado social se caracteriza por não ser organizado – não tem estrutura estável nem hierarquia de posições e funções.

As pessoas que dele participam são relativamente anônimas, isto é, São praticamente desconhecidas entre si. O contato social entre elas é limitado e de pequena duração.

Tipos de Agregados Sociais

Os principais tipos de agregados sociais são: multidão, o público e a massa.

Multidão – um grupo de pessoas observando um incêndio e uma reunião de foliões que se encontram na rua para brincar o carnaval são exemplos de multidão. No carnaval do Recife, por exemplo, o bloco *Galo da Madrugada* consegue juntar mais de 1 milhão de pessoas em seus desfiles.

Principais características da Multidão

- ✓ **Falta de Organização** – apesar de contar, eventualmente, com um líder, a multidão não conta com um conjunto próprio de normas; seus membros não ocupam posições definidas no agregado;
- ✓ **Anonimato** – os componentes da multidão são anônimos, pois, ao se integrarem a multidão, seu nome, sua profissão ou posição social não são levados em conta, não tem importância alguma no agregado;
- ✓ **Objetivos Comuns** – os interesses, as emoções e os atos são coletivos numa multidão;
- ✓ **Indiferenciação** – não há espaço para as diferenças individuais se manifestarem, o que torna iguais seus integrantes;
- ✓ **Proximidade física** – seus componentes ficam próximos uns dos outros, mantendo contato direto e temporário. A multidão pode assumir uma forma pacífica ou violenta.



Segundo o pensador russo Mikhail Bakhtin, o carnaval transgredir as hierarquias da ordem social estabelecida e permite às pessoas inverter seus papéis sociais rotineiros.

Assim, um trabalhador pobre pode se transformar em príncipe, conde ou pirata por três dias e um homem se travestir de mulher. Essa inversão de papéis revela a intenção de quebrar a rotina do trabalho obrigatório e criar uma realidade de alegria e expansão dos sentidos.

É para isso que a multidão se reúne em agregados sociais, como os blocos de carnaval. Na foto, desfile do Galo da Madrugada, tradicional bloco carnavalesco de Pernambuco.

Público

O público é um agrupamento de pessoas que seguem os mesmos estímulos. É espontâneo, amorfo, não se baseia no contato físico, mas na comunicação recebida através de diversos meios de comunicação.

Os indivíduos que assistem a uma competição esportiva ou a uma representação teatral ou show musical formam públicos. Todos os indivíduos que compõem o público recebem o mesmo estímulo (que vem da competição esportiva, da peça de teatro, da música etc.).

Não se trata de uma multidão porque a integração dos indivíduos que formam o público é geralmente intencional. Na multidão, a integração é ocasional.

Os modos de pensar, agir e sentir do público compõem o que é conhecido como opinião pública.

Para Karl Mannheim, o público é um tipo intermediário entre a multidão e os grupos sociais, porque no público há um tipo primário de organização, pois as pessoas estão sujeitas a certos regulamentos (compra de ingressos, obediência a horários etc.).

Massa

As pessoas que assistem ao mesmo programa de televisão veem o mesmo anúncio num cartaz ou leem em casa o mesmo jornal constitui a massa.

Portanto, a massa:

- ✓ É formada por indivíduos que recebem, de maneira mais ou menos passiva, opiniões formadas, que são veiculadas pelos meios de comunicação de massa;
- ✓ Consiste num agrupamento relativamente grande de pessoas separadas e desconhecidas umas das outras.
- ✓ Como não obedece a normas, o processo de formação da massa é espontâneo.

Existe certa semelhança entre público e massa, pois também os componentes da massa estão unidos por um estímulo. Mas há uma diferença importante: ao contrário da massa, o público não tem uma atitude passiva diante da mensagem que recebe; ele opina, por meio de palmas, críticas e discussões.

Ou seja, o público não apenas recebe opiniões, mas também exprime a sua. Isso em geral não ocorre com a massa.

Por exemplo, ao assistir a um comício, as pessoas podem aprovar as ideias de um político com palmas, ou reprová-las por meio de vaias e improperios. Algumas delas podem até mesmo externar suas opiniões no meio do público.

Numa sociedade de massa, o tipo de comunicação que predomina é aquele transmitido pelos veículos de comunicação de massa.

Por exemplo, um fabricante de sabonetes, ao anunciar seu produto na televisão, não está procurando divulgá-lo para um conjunto de pessoas concretas, com sexo, cor, instrução ou idade, mas para as que estão diante da tela naquele momento e que, atingidas pela mensagem, eventualmente poderão comprar seu produto, muitas vezes sem necessidade imediata.

Líderes demagógicos podem fazer o mesmo. Através de mecanismos de comunicação de massa podem induzir milhares de pessoas a comportamentos emotivos e irracionais, sem refletir sobre as mensagens que estão recebendo.

Ao agir dessa forma, o demagogo não objetivo transmitir suas ideias ao cidadão esclarecido, mas a uma massa incorpórea, informe, sem identidade.

De modo geral, podemos dizer que o grupo de indivíduos que se comporta como massa tende a ser manipulado, pois, na maioria das vezes, reage de forma espontânea, impensada, sem ter consciência de grupo.

4.3 Mecanismos de sustentação dos Grupos Sociais

Toda sociedade conta com forças que mantêm coesos os grupos sociais. As principais dentre elas são a liderança, as normas e sanções, os símbolos e os valores sociais.

Liderança

A expressão liderança designa a capacidade de alguém, denominado líder, ou de algumas pessoas, de chefiar, comandar ou orientar um grupo de indivíduos em qualquer tipo de ação. Líder é aquele (ou aquela) que dirige o grupo, transmitindo ideias e valores aos outros membros. Há dois tipos de liderança:

✓ **Liderança Institucional** – deriva da autoridade que uma pessoa tem em virtude de sua posição social ou do cargo que ocupa; o gerente de uma fábrica. O pai de família e o diretor de uma escola são líderes institucionais; seu poder de mando vem de seu cargo e de sua posição no grupo;

✓ **Liderança Pessoal** – é aquela que se origina das qualidades pessoais do líder (inteligência, prestígio social e moral, poder de comunicação, atitudes, encanto pessoal etc.).

Entre os chefes que exercem a liderança pessoal podem surgir líderes carismáticos, ou seja, pessoas dotadas de um encanto pessoal tão forte que os torna aos olhos de seu público, iluminados, proféticos ou mesmo sobrenaturais.

Alguns exemplos de líderes carismáticos: Fidel Castro, Getúlio Vargas, Evita Perón, Adolf Hitler.



Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, Luiz Inácio Lula da Silva discursa em assembleia da categoria durante greve em março de 1980.

Luiz Inácio, ou simplesmente Lula, é um caso especial de líder operário que ultrapassou os limites da luta sindical.

Principal dirigente do Partido dos Trabalhadores (PT), em outubro de 2002 ele venceu as eleições presidenciais e se tornou o primeiro presidente do Brasil saído da classe trabalhadora.

Como peça importante de sustentação do grupo, o líder desempenha um papel integrador entre seus membros, transmitindo-lhes ideias, normas e valores sociais, ao mesmo tempo em que representa os interesses e os valores do grupo.

Por seu papel na condução e na sustentação do grupo, o líder é geralmente respeitado por todos os seus membros. Alguns deles chegam mesmo a ser venerados, como é o caso de Mahatma Gandhi (1869-1948), que liderou a luta pela independência da Índia, conquistada em 1947.

Normas e Sanções Sociais

Toda sociedade e todo grupo social conta com uma série de regras de conduta que lhe dão coesão,

orientam e controlam o comportamento das pessoas. Essas regras de ação são chamadas normas sociais.

Segundo o que está socialmente estabelecido, as normas sociais indicam o que é "permitido" – e como tal pode ser seguido – e o que é "proibido" – que não pode ser praticado.

A toda norma social corresponde uma sanção social. A sanção social é uma recompensa ou uma punição que o grupo ou a sociedade atribuem ao indivíduo diante de seu comportamento social.

As Sanções Sociais podem ser:

✓ **Aprovativas** – quando são aplicadas sob a forma de aceitação, aplausos, honrarias, promoções; e o reconhecimento do grupo por ter o indivíduo cumprido o que se esperava dele;

✓ **Reprovativas** – quando correspondem a punições impostas ao indivíduo que desobedece a alguma norma social; tais punições variam de acordo com a importância que a sociedade dá a norma infringida; assim, são sanções reprovativas o insulto, a zombaria, a vaia, a perda dos bens, a prisão e, em alguns países, a pena de morte.



Símbolos

A todo o momento nos deparamos com símbolos. Nas igrejas cristãs, por exemplo, a cruz simboliza a Fé em Cristo. Nos prédios públicos, a bandeira hasteada simboliza a autonomia e a unidade da nação. A pomba branca é o símbolo da paz.

Um símbolo é algo que representa ou substitui outra coisa, geralmente mais complexa e abstrata. É algo, portanto, cujo valor ou significado é atribuído pelas pessoas que o utilizam. Em nossa sociedade, por exemplo, a aliança é um objeto que simboliza a união e a fidelidade entre os cônjuges no casamento.

Qualquer coisa pode tornar-se um símbolo. As pessoas atribuem significados a um objeto, uma cor, um hino ou um gesto, e estes se tornam símbolos de algo, como a riqueza, o prestígio, a posição social elevada etc.

Entre nós, a cor que simboliza o luto é o preto; entre os povos orientais, é o branco. Esse exemplo mostra que os símbolos são convenções. Ou seja, cada sociedade ou grupo social pode se utilizar de símbolos diferentes para exprimir o mesmo significado.

A linguagem é um conjunto de símbolos. Por exemplo, as palavras menino, boy, garçom e bambino significam todas "crianças do sexo masculino", respectivamente em português, inglês, Frances e italiano.

A linguagem é a mais importante forma de expressão simbólica. Sem a linguagem não haveria organização social humana, em nenhuma de suas manifestações: política, econômica, religiosa, cultural etc. Sem ela provavelmente não existiria nenhuma norma de comportamento, nenhuma espécie de lei, nenhuma criação científica ou literária.

A criança amadurece e se socializa a medida que aprende a usar símbolos. Podemos dizer que todo comportamento humano é simbólico e todo comportamento simbólico é humano, já que a utilização de símbolos é exclusiva da espécie humana. Sem os símbolos não haveria cultura.

Valores Sociais

A sociedade estipula o que é desejável e o que é proibido, o que é bonito e o que é feio, o que é certo e o que é errado. Assim, na vida em sociedade, as ideias, as opiniões, os fatos, os objetos não são avaliados isoladamente, mas dentro de um contexto social que lhes atribui um significado, um valor e uma qualidade determinados. Quanto maior o contexto social, maior a variedade de opiniões, de princípios, de valores sociais, muitas vezes conflitantes.

Os valores sociais variam também, principalmente no espaço e no tempo, em função de cada época, de cada geração, de cada sociedade.

O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos, antes considerados tarefas exclusivamente femininas, hoje são normalmente divididos entre o casal. Um pai que dá mamadeira a seu filho é olhado com simpatia e aprovação.

O comportamento sexual é outra área em que se notam grandes mudanças. Até meados do século XX, a sociedade exercia um controle rígido sobre a sexualidade das pessoas, especialmente com relação às mulheres.

O sexo, para a mulher, só era aceito socialmente dentro do casamento, e tinha como única finalidade gerar filhos. As mulheres que não se comportassem exatamente de acordo com esses valores eram malvistas e sofriam uma série de sanções sociais.

Lentamente, esses valores foram se modificando. Mas sempre existiram mulheres mais liberadas e independentes do que a maioria de sua época.

Devido à pluralidade de valores e tendências dentro de uma mesma sociedade, é comum encontrarmos pessoas que não conseguem se entender em determinadas questões, como religião, política, moral etc. Isso acontece porque elas têm escalas de valores diferentes.

Conflitos de opinião entre pais e filhos também são comuns, configurando choques de geração. São problemas que sempre existiram na história da humanidade, mas que atualmente, devido às rápidas transformações sociais, tornaram-se mais complexos e evidentes.

A inscrição a seguir foi feita numa placa de pedra da Mesopotâmia (região onde nasceu a escrita e que hoje é parte integrante do Iraque), ha quatro mil anos: "O adolescente considera tudo o que é mais antigo do que ele como arcaico e obsoleto. Ao passo que tudo que é seu, lhe parece novo e criativo, algo que sem dúvida dará certo. Essa praga só pensa em sexo e contestação".

In: Roberto Wusthof. *Descobrir o sexo*. São Paulo, Ática, 1999. p. 154.

Em todos os tempos, os jovens tendem a acompanhar e aceitar com mais facilidade do que os mais velhos as mudanças que ocorrem na sociedade. Esse fato faz com que eles se desentendam com a geração anterior. Tal situação configura uma crise de valores: os novos valores chocam-se com os já estabelecidos.

4.4 Sociologia da Juventude

O interesse acadêmico pela juventude como categoria social específica tomou vulto a partir da década de 1960, quando começaram a surgir formas ousadas de manifestação cultural juvenil e o comportamento de grupos de jovens contestadores passou a contrastar abertamente com os padrões sociais estabelecidos.

O conceito usual de juventude refere-se a uma faixa de idade que vai dos 14 aos 19 anos. Um período da vida em que o jovem completa seu desenvolvimento físico e passa por importantes mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Deixa de ser criança e dá início a sua entrada no mundo dos adultos.



No Brasil, enquanto a geração de jovens adolescentes de 1990 foi numericamente superior em 1 milhão de pessoas a de 1980, a nova geração de adolescentes no ano 2000 já era 2,3 milhões superior a dos jovens de 1990.

Seria preciso, então, oferecer a esses milhões de jovens, educação e preparação profissionais adequadas para facilitar seu ingresso no mercado de trabalho, criando-lhes, ao mesmo tempo, formas de convivência e de participação na sociedade, mas essa nova "onda de adolescentes" ocorre em meio a uma crise econômica que já dura mais de vinte anos.

Há, atualmente, no país, uma oferta insuficiente de postos de trabalho e uma enorme competição pelas poucas vagas existentes. Os dois fenômenos somados - escassez de emprego e aumento no número de jovens - criam uma situação socialmente explosiva. Nos últimos anos, a sociedade brasileira tem se mostrado incapaz de absorver os 2 milhões de jovens que entram todos os anos no mercado de trabalho. Nessas condições, milhares de jovens não conseguem sequer seu primeiro emprego.

O texto a seguir discute as mudanças pelas quais a juventude vem passando ao longo dos últimos quarenta anos e como seus valores de grupo social estão se modificando.

A Geração Internet

Os jovens das décadas de 1960 e 1970 saíram de casa para protagonizar uma revolução de costumes jamais vista até então. Fizeram e difundiram o rock'n'roll (surgido em meados dos anos 1950), a mais expressiva inovação da música popular da segunda metade do século passado.

Esses revolucionários cresceram casaram-se, viraram papais e mães e... Surpresa! Estão acompanhando atônitos outra revolução de costumes, completamente diferente daquela da qual participaram.

Ela tem como protagonistas seus próprios filhos e ocorre dentro de suas próprias casas. Os jovens de ontem se trancavam no quarto para se isolar de todos. Os de hoje se trancam também, mas para se plugar na Internet, na TV a cabo e no telefone celular.

A Geração Hippie dos anos 1960 e 1970 rejeitava a sociedade industrial. Seu lema era "paz e amor". A Geração Y, os yuppies dos anos 1980, de gravata colorida e relógio Rolex, assistiu a revolução tecnológica.

A Geração X, aquela que substituiu os yuppies, preferia o bermudão e a camisa de flanela:

consumista, mas não de roupas, e sim de objetos eletrônicos. Agora, fala-se na Geração Z, que engloba os nascidos em meados da década de 1980.

A grande prática dessa geração é zapear (acionar rapidamente o controle remoto para encontrar canais de televisão).

Daí o Z. Em comum, essa juventude muda de um canal para outro na televisão, vai da Internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente a Internet. Também houve uma mudança de visão de mundo dessa geração em relação a anterior.



Garotas e garotos da Geração Z, em sua maioria, nunca imaginaram o planeta sem computador, chats, telefone celular. Sua maneira de pensar foi influenciada desde o berço pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou.

Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo a televisão o rádio, o telefone, música e Internet. Outra característica essencial dessa geração é o conceito de um mundo que não tem barreiras nem fronteiras geográficas.

Para ele, a globalização não foi um valor adquirido no meio da vida a um custo elevado. Aprenderam a conviver com ela já na infância.

Enquanto os demais buscam adquirir informação, o desafio que se apresenta à Geração Z é de outra natureza. Ela precisa aprender a selecionar e separar o joio do trigo. Esse desafio não se resolve com um micro veloz. A arma chama-se maturidade.

Adaptado de - Veja Especial: jovens, setembro 2001.

A intensificação da economia globalizada na última década reduziu drasticamente as oportunidades de trabalho para os jovens.

Os jovens e os idosos poderão ser os primeiros excluídos das novas sociedades societárias que ainda estão se formando. De acordo com alguns economistas, uma parcela da juventude poderá passar até a vida inteira sem obter trabalho.

Essa perspectiva pode levar o jovem a uma nova direção. Desta vez não há um mero conflito de gerações. Agora, os jovens se revoltam contra outros grupos sociais e até contra toda a sociedade,

contra um sistema que os marginaliza. Já há claros indícios de que isso esteja acontecendo.



Jovens punks participam de manifestação contra a globalização e o Fundo Monetário Internacional (FMI) em Washington, Estados Unidos, abril de 2000. Na ocasião, ocorreram confrontos de rua entre os manifestantes e a polícia. A foto revela alguns dos temas tratados neste e nos capítulos anteriores: tribalismo (os jovens são punks), conflito (entre os manifestantes e o FMI, apoiado pela Polícia), cidadania (mobilização política de setores da sociedade) e participação de grupos de jovens em processos sociais importantes.

Não se trata desta vez, da utopia dos jovens rebeldes dos anos 1960, que queriam construir um novo mundo, reformar a sociedade, mas de jovens que desejam participar dela, serem nela incluídos. Uma sociedade que lhes oferece tudo, mas que, ao mesmo tempo, nega-lhes essa possibilidade. Acena para uma vida de grandes confortos e prazeres, mas que estão fora de seu alcance.

Tudo isso gera respostas agressivas. Os mais pobres sentem-se cada vez mais atraídos pela marginalidade, ingressando no crime organizado ou em gangues extremamente violentas. Os jovens de classe média cujo padrão de vida esteja se reduzindo, tenderão a adotar atitudes ostensivas de contestação, podendo participar tanto de grupos neofascistas e racistas como de movimentos anarquistas, que desejam destruir a sociedade, acabar, simplesmente, com qualquer forma de vida organizada.

Alguns jovens não desejam contestar, e sim, criar formas de comunicação que sejam exclusivas de seu grupo. Determinados grupos podem viver para sempre na adolescência, não importando a idade de seus membros.

Para o historiador inglês Eric Hobsbawm, "quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínua, sem nenhuma relação orgânica com o passado público da época em que vivem".

É nesse contexto que a juventude surge como tema para a Sociologia. Não se trata mais de um

jovem que esta em permanente conflito de gerações, mas de um jovem que tem dificuldade de se integrar a sociedade globalizada, que esta se tornando mais violento por se sentir socialmente excluído e que participa de grupos tribais, como os punks, para não se sentir solitário.

A Geração da Onda

Pela primeira vez, os adolescentes são o grupo etário mais numeroso do país. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), o Brasil tinha, em 2000, 35,2 milhões de jovens na faixa de 10 a 19 anos. Um em cada cinco brasileiros era adolescente.

O percentual de jovens cresceu tanto que a pirâmide populacional se deformou (veja quadro na página seguinte). Antes, a base onde se concentram as crianças de até 4 anos era sempre a parte maior da pirâmide, porque a taxa de natalidade se mantinha alta, acima dos 3% ao ano. Agora não. Desde 1970, o índice de crescimento da população vem caindo, chegando hoje a apenas 1,3%.

A pirâmide mudou porque a número de recém-nascidos diminuiu, enquanto aqueles milhões de crianças que antes formavam a base da pirâmide agora são adolescentes. Essa multidão alegre, rebelde e pouco compreendida vai impor grandes mudanças ao país.

No século XXI, essa onda vai percorrer todas as faixas etárias da população brasileira, sobrecarregando, sucessivamente, a sistema de ensino, o mercado de trabalho e, por fim, a Previdência Social.

As escolas, antes habituadas a receber avalanches de novos alunos no primeiro ano, enfrentarão sobrecarga nas fases mais avançadas. Depois, o desafio será oferecer emprego a todos esses jovens. Mais tarde será preciso garantir sua aposentadoria. (...)

Uma pesquisa feita com jovens de 44 países mostrou dois aspectos curiosos a respeito dos adolescentes de nosso país. O percentual dos jovens brasileiros que se declaram felizes é maior do que a media de outros países: 61% contra 30% dos entrevistados europeus. Ao mesmo tempo, os brasileiros se dizem amedrontados com a possibilidade de não conseguir um bom emprego.

"Essa tensão é muito natural", diz a psicóloga Rosely Sayão. "Eles São felizes porque estão descobrindo o mundo, mas tem dúvidas enormes a respeito do próprio futuro". "A pesquisa confirma que os jovens hoje são bem menos revolucionários e sonhadores do que os das décadas de 1960 e 1970". "Desapareceu a ideia da reinvenção do mundo", enfatiza a socióloga Helena Wendel Abramo.

4.5 Sistema de Status e Papéis Sociais

Em uma empresa, o patrão tem direitos e deveres, além de privilégios, diferentes dos de seus empregados. Numa escola, os direitos e deveres do professor são diferentes dos de seus alunos. Todo indivíduo ocupa na sociedade em que vive posições sociais que lhe dão maior ou menor valor, prestígio social e poder. A posição ocupada pelo indivíduo no grupo social ou na sociedade denomina-se status social.

O Status Social implica direitos, deveres, manifestações de prestígio e até privilégios, conforme o valor social conferido a cada posição. Assim, os diretores de uma grande empresa gozam de certas regalias – altos rendimentos, carro a disposição, sala bem decorada, secretárias, tratamento cerimonioso por parte dos funcionários – vantagens que os outros empregados não tem.

Ou seja, o status dos diretores é mais elevado. Seus deveres e responsabilidades estão ligados a esse status, e muitas vezes eles precisam tomar decisões difíceis a favor da empresa, como demitir funcionários ou cortar salários.

Numa sociedade, o indivíduo ocupa tantos status quantos são os grupos sociais a que pertence. Vejamos o exemplo de uma pessoa que é chefe de família, ocupa o cargo de gerente de vendas de uma empresa, é sócio de um clube, frequenta a igreja de seu bairro, pertence ao diretório regional de um partido político.

Essa pessoa tem um status no grupo familiar, um status ocupacional, um status no grupo de recreação, outro no grupo religioso e outro ainda no partido político.

Dependendo da maneira pela qual o indivíduo obtém seu status, este pode ser classificado em:

- ✓ **Status Atribuído** – não é escolhido voluntariamente pelo indivíduo e não depende de suas ações ou qualidades. Por exemplo, o status de "filho de operário" ou de "irmão caçula". Os principais fatores atribuidores de status são: idade, sexo, raça, laços de parentesco, classe social etc.;
- ✓ **Status Adquirido** – obtido em função das qualidades pessoais do indivíduo, de sua capacidade e habilidade. Os status que uma pessoa obtém ao longo da vida como resultado de competição e trabalho são status adquiridos, pois dependem de suas habilidades pessoais e supõem uma vitória sobre outros concorrentes e o reconhecimento de tal êxito pelo grupo social.

Em algumas sociedades, como na Europa medieval, os status eram quase que exclusivamente atribuídos (uma pessoa era nobre porque sua família pertencia à nobreza).

Nas sociedades modernas, predominam os status adquiridos. Um exemplo de sociedade em que ainda imperam os status atribuídos é a Índia, onde as pessoas já nascem em uma categoria social – a casta – e nela permanecem até a morte sem possibilidade de mudança de status.

Em nossa sociedade os indivíduos geralmente buscam status mais elevados. Isso explica a insistência com que se procura "subir na vida". Quanto mais escassas as oportunidades para se conquistar determinado status mais intensa a competição entre os concorrentes em disputa por ele.

Papel Social

Ao dar uma aula e exigir que os alunos prestem atenção, o professor está cumprindo os deveres e exercendo os direitos ligados a seu status social. Ou seja, esta cumprindo seu papel social.

Papéis sociais são comportamentos que o grupo social espera e qualquer pessoa que ocupe determinado status social.

Corresponde mais precisamente às tarefas, as obrigações inerentes ao status. Por exemplo, de um médico se espera que atenda corretamente seus pacientes, que se preocupe com eles, que ouça suas queixas, que faça um diagnóstico preciso e que trate as enfermidades de modo competente. Caso não aja assim, não estará cumprindo o papel que seu status de médico determina e será, portanto, questionado pela sociedade.

Status e Papel Social são coisas inseparáveis e só os distinguimos para fins de estudo. Não há status que não corresponda a um papel social e vice-versa. Todas as pessoas sabem o que esperar ou exigir do indivíduo, de acordo com o status que ele ocupa no grupo ou na sociedade. E a sociedade sempre encontra meios para punir os indivíduos que não cumprem seu papel.

4.6 Estrutura e Organização Social

Uma escola é formada por pessoas que estudam - os alunos - e por pessoas que trabalham - entre as quais o diretor, o coordenador pedagógico, os professores, o secretário e os serventes. Cada um desses indivíduos ocupa uma posição social, um status no grupo.

Cada posição esta relacionada com as demais, e todas elas, em conjunto, formam a estrutura social da escola.

Desse exemplo, pode-se concluir que estrutura social e o conjunto ordenado de partes encadeadas que formam um todo.

Dito de outro modo, a estrutura social é a totalidade dos status existentes num determinado grupo social ou numa sociedade.

Cada participante de uma estrutura desempenha o papel correspondente a posição social que ocupa (status). O conjunto de todas as ações realizadas quando os membros de um grupo desempenham seus papéis sociais compõe a organização social. Esta corresponde, portanto, ao funcionamento do organismo social.

Durante o período letivo, a organização da escola é bastante dinâmica.

No período de férias baixa a níveis mínimos, pois quase todos os indivíduos que a constituem não estão desempenhando seus papéis.

Assim, enquanto a estrutura social da ideia de algo estático, que simplesmente existe, a organização social da ideia de algo dinâmico, em permanente movimento.

A estrutura social se refere a uma totalidade composta de partes, enquanto a organização social se refere às relações que se estabelecem entre essas partes.

Quanto mais complexa a sociedade, maiores e mais complexas sua estrutura e sua organização social.

Tanto a estrutura quanto a organização social são passíveis de mudanças, não permanecem sempre iguais. Elas podem passar, e passam com frequência, por processos de mudança social.

Exemplos disso já foram dados em diversas passagens deste capítulo e de outros, nas referências a mudanças de comportamento de década para década, como a do papel do homem que divide as tarefas domésticas com a mulher ou as mudanças de papel da mulher no decorrer do tempo.

Compreensão

1. Grupo, multidão, público e massa. O que caracteriza cada um desses tipos de agrupamento social?

2. Quais são os principais mecanismos de sustentação dos grupos sociais?

3. O que torna inseparáveis o status que um indivíduo ocupa na sociedade e os papéis sociais que ele desempenha?

4. Relacione alguns dos grupos sociais a que você pertence.

5. Faça um relato sobre seu grupo vicinal de infância, descrevendo suas características.

6. Tomando por base os contatos sociais, como classificamos os grupos sociais?

7. Comente uma participação sua em: multidão; público; massa.

8. Como você explica a necessidade da existência de mecanismos de sustentação dos grupos sociais? Responda citando tais mecanismos.

9. Quais os tipos de liderança? Explique e cite um exemplo de cada tipo.

10. Escreva sobre alguns dos status sociais que você ocupa, se são atribuídos ou adquiridos e quais os papéis que você representa em cada um. Qual deles é o mais importante para você?

Capítulo 5

Cultura e Sociedade

Há muitas definições para a palavra cultura. De um modo geral, fala-se de cultura como um conhecimento a ser adquirido, ou como conhecimento acumulado.

Assim, diz-se que uma pessoa é “cultura” quando ela é muito bem informada, tem muitos conhecimentos, fez universidade, pós-graduação. Um indivíduo nessas condições, segundo o senso comum, é uma pessoa que “tem” cultura.

Para as Ciências Sociais, entretanto, o conceito de cultura tem um significado diferente: é o conjunto de crenças, regras, manifestações artísticas, técnicas, tradições, ensinamentos e costumes produzidos e transmitidos no interior de uma sociedade.

A disciplina das Ciências Sociais que mais se dedica ao estudo da cultura é a Antropologia.

5.1 O papel da Educação na transmissão da Cultura

O antropólogo Clyde Kluckhohn (1905-1960) observa em *Antropologia - Um espelho para o homem*, que cultura é “a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo recebe de seu grupo, ou pode ser considerada a parte do ambiente que o próprio homem criou”.

Por sua vez, Bronislaw Malinowski (1884-1942), outro antropólogo, ensina que a cultura compreende “artefatos, bens, processos técnicos, ideias, hábitos e valores herdados”.

A aquisição e a perpetuação da cultura, portanto, é um processo social, resultante da aprendizagem. Cada sociedade transmite as novas gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados. Por isso, a cultura é também chamada de *herança social*.

Nas sociedades em que não há escolas, a transmissão da cultura se dá por intermédio da família ou da convivência com o grupo adulto. Nesse caso, diz-se que a educação é *informal* ou *assistemática*.

Quando há escolas, estas se encarregam de completar a transmissão da cultura iniciada na família e em outros grupos sociais. Nesse caso, a educação é *formal* ou *sistemática*, isto é, obedece a uma organização previamente planejada. O texto a



seguir mostra até que ponto

o essas duas formas de educação podem estar em conflito, quando correspondem a culturas diferentes.

Os índios em defesa de sua cultura

No começo do século XIX, o governo do estado de Virgínia, nos Estados Unidos, sugeriu a diversas tribos de índios que enviassem alguns de seus jovens para estudar nas escolas dos brancos. Em sua carta resposta, os chefes indígenas recusaram delicadamente a proposta. Eis algumas das razões alegadas por eles:

Nós estamos convencidos de que os senhores desejam o nosso bem e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes de ver as coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa. (...)

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas quando eles voltaram para nós eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo ou construir uma cabana, e falavam muito mal nossa língua. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceita-la, para mostrar a nossa gratidão concordamos que os nobres senhores de Virgínia nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles homens.

Citado em: Carlos Rodrigues Brandão. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 8-9

Não há, portanto, um modelo único, uma forma exclusiva de educação. A carta dos indígenas norte-americanos ao governo de Virgínia revela que a cultura de uma sociedade é transmitida das gerações adultas as gerações mais jovens por meio da educação.

Educar, pois, é transmitir aos indivíduos os valores, os conhecimentos, as técnicas, o modo de viver, enfim, a cultura do grupo.

5.2 Identidade Cultural

Cada sociedade elabora sua própria cultura ao longo da história e recebe a influência de outras culturas. Todas as sociedades, desde as mais simples até as mais complexas, têm sua própria cultura. Não há sociedade sem cultura.

Desde que nasce um indivíduo e influenciado pelo meio social em que vive. Com exceção do

recém-nascido e dos raros indivíduos que foram privados da possibilidade de convívio humano, não há pessoas desprovidas de cultura.

A cultura pode ser definida também como um estilo de vida próprio, um modo de vida particular que todas as sociedades desenvolvem e que caracteriza cada uma delas. Assim, os indivíduos que compartilham a mesma cultura apresentam o que se chama de identidade cultural.

É essa identidade cultural que faz com que a pessoa se sinta pertencendo ao grupo, é por meio dela que se desenvolve o sentimento de pertencimento a uma comunidade, a uma sociedade, a uma nação, a uma cultura.

Por exemplo, as comunidades indígenas são realidades culturais diferenciadas em relação à sociedade dita "civilizada".

Como tal, são capazes de reproduzir regras, valores e estilos próprios de organização. Os indivíduos que pertencem a elas desenvolvem um forte sentimento de identidade cultural, como vimos na carta dos chefes indígenas ao governo de Virgínia.

5.3 O Aspecto Material e o Não Material da Cultura

A Cultura Material consiste em todo tipo de utensílios produzidos em uma sociedade - ferramentas, instrumentos, máquinas, hábitos alimentares, habitação etc. - e interfere diretamente em seu estilo de vida. Por exemplo: um dos alimentos básicos no interior do Nordeste é a farinha de mandioca; muitos nordestinos preferem utilizar redes em vez de camas para dormir; também no interior dessa região, as casas das classes baixas são muitas vezes construídas com barro socado entre hastes de madeira cruzadas (taipal e cobertura de palha.).

Um chinês louro, de olhos azuis

Há alguns anos, conheci em Nova York um jovem que não falava uma palavra em inglês e estava evidentemente perplexo com os costumes americanos. Pelo "sangue", era tão americano como qualquer outro, pois seus pais haviam nascido em Indiana e tinham ido para a China como missionários.

Órfão desde a infância o rapaz fora criado por uma família chinesa, numa aldeia perdida. Todos os que o conheceram o acharam mais chinês do que americano. O fato de ter olhos azuis e cabelos claros impressionava menos que o andar, os movimentos dos braços e das mãos, a expressão facial e os modos de pensar que caracterizam os chineses.

A herança biológica era americana, mas a formação cultural fora chinesa. Ele acabou retornando a

China, seu verdadeiro lar.

Clyde Kluckhohn. Antropologia - Um espelho para o homem. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963. p. 30.

Forma-se, assim, um modo ou estilo de vida fundamentado na cultura material da região. Já a cultura não material abrange todos os aspectos morais e intelectuais da sociedade, tais como: normas sociais, religião, costumes, ideologia, ciências, artes, folclore etc.

Por exemplo, a maior parte da população brasileira segue a religião católica, não há pena de morte em nossa legislação e a miscigenação racial é muito forte, embora persistam manifestações de preconceito e atitudes discriminatórias, principalmente contra os negros.

Esses aspectos não materiais de nossa cultura contrastam com os que encontramos, por exemplo, nos Estados Unidos - uma sociedade de maioria protestante, na qual muitos estados empregam a pena de morte e onde a discriminação racial era oficialmente permitida até a década de 1960, quando, após muita luta, criaram-se leis que impedem as práticas racistas.

Uma das manifestações da cultura não material de maior interesse para o antropólogo é o folclore.

O texto a seguir discute a relação entre Folclore e Cultura Popular.

Folclore existe?

Segundo o antropólogo Marius Barbeau "sempre que se cante a uma criança uma cantiga de ninar, sempre que se use uma canção, uma adivinhação, uma rima de contar, no quarto das crianças ou na escola, sempre que dito, provérbios, fábulas, histórias bobas e contos populares sejam representados, sempre que, por hábito ou inclinação, a gente se entregue a contos e danças, a jogos antigos e folguedos, sempre que uma mãe ensinar a filha a costurar, tricotar, fiar, tecer, bordar, fazer uma coberta, trançar um cinto, assar um bolo a moda antiga, sempre que um profissional da aldeia (...) adestre seu aprendiz no uso de instrumentos e lhe mostre como fazer um encaixe e um tarugo para uma junta, como levantar uma casa ou celeiro de madeira (...), aí veremos o folclore em seu próprio domínio, sempre em ação, vivo e mutável, sempre pronto a captar e assimilar novos elementos". (...)

Poesia a parte, se o folclore é isso, talvez não seja muito difícil compreender o que ele é. Mas acontece que ele, ao mesmo tempo, pode ser muito menos ou muito mais do que isso. Para alguns estudiosos, folclore é tudo o que o homem do povo faz e produz como tradição. Para outros, é só uma pequena parte das tradições populares.

Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar cultura popular o que alguns chamam folclore. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras São sinônimas e podem alternar-se sem problemas num mesmo parágrafo.

Com muita sabedoria, o folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo mistura uma coisa com a outra e define folclore como "a cultura do popular tornada normativa pela tradição".

Para outros pesquisadores do assunto há diferenças importantes entre folclore e cultura popular: "Vizinhos, eles não São iguais, e sob certos aspectos podem ser até opostos".

Adaptado de: Carlos Rodrigues Brandão. o que é folclore. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 22-4. Coleção: Primeiros Passos.

Interdependência entre o Material e o Não Material da Cultura

Existe uma interdependência estreita e constante entre cultura material e cultura não-material.

Quando, por exemplo, assistimos a, rebentação de uma orquestra, sabemos que as músicas executadas são produto da criatividade de um ou mais músicos. Entretanto, para comunicar sua criação aos outros, os artistas valem-se de instrumentos musicais.

Da mesma forma que uma melodia requer instrumentos musicais para sua exteriorização, também as religiões, de modo geral, necessitam de templos, altares e outros componentes materiais para que possam ser praticadas.

Na verdade, a interdependência entre esses dois aspectos é intrínseca a qualquer cultura, pois um grupo só pode realizar sua cultura não-material apoiado em meios concretos de expressão que fazem parte de sua cultura material (os instrumentos de uma orquestra, por exemplo).

5.4 Componentes da Cultura

A Cultura é um todo orgânico, um sistema, um conjunto de partes que se relacionam estreitamente. Para melhor compreender o que é uma cultura, vamos estudar alguns de seus componentes.

Os principais aspectos de uma cultura são os traços culturais, o complexo cultural, a área cultural, o padrão cultural e a subcultura.

Traços Culturais

Você já viu alguém dançando frevo? Trata-se de um gênero musical típico de Pernambuco e do carnaval do Recife e de Olinda. Pois bem, cada passo do frevo é um traço cultural dessa manifestação de

cultura popular que é o carnaval pernambucano (o mesmo se pode dizer do samba no Rio de Janeiro).

Traço Cultural é o menor componente representativo de uma cultura. Ele pode ser um objeto material - por exemplo, o cocar de penas usado por nossos índios.

Neste caso, ele próprio é constituído de partes menores - as penas usadas na confecção do cocar, por exemplo. Entretanto, as penas de pássaro só passam a ser um traço cultural quando reunidas, em nosso exemplo, na forma de cocar.

Um carro, um lápis, uma capa, uma pulseira, um computador são outros exemplos de traços culturais. Os traços culturais são os componentes mais simples da cultura.

Eles são as unidades de uma cultura. É necessário ressaltar que os traços culturais só têm significado quando considerados dentro de uma cultura específica.

Um colar pode ser um simples adorno para determinado grupo e para outro ter um significado mágico ou religioso.

Para os fiéis de religiões afro-brasileiras como o candomblé, por exemplo, as cores dos colares usados dependem da divindade cultuada pela pessoa.

De acordo com a crença, eles dão proteção a quem os utiliza. Portanto, só quando consideramos o conjunto da cultura é que podemos entender um determinado traço cultural.

No exemplo do frevo de Pernambuco, determinado passo só pode ser entendido como traço cultural quando integrado ao todo orgânico daquela cultura.

Complexo Cultural

A combinação dos traços culturais em torno de uma atividade básica forma um complexo cultural. Por exemplo, o carnaval no Brasil é um complexo cultural que reúne um grupo de traços culturais relacionados uns com os outros: carros alegóricos, música, dança, instrumentos musicais, trios elétricos, desfiles, orquestras de frevo, baterias de escolas de samba, fantasias etc.

Da mesma forma, o futebol é um complexo cultural que pode ser desmembrado em vários traços culturais: o campo, a bola, o juiz, os jogadores, a torcida, as regras do jogo etc.

Área Cultural

A religião em que predominam determinados complexos culturais forma uma área cultural. Esta é, portanto, o espaço geográfico no qual se manifesta certa cultura. Assim, os grupos humanos localizados em determinada área cultural

apresentam grandes semelhanças quanto aos traços e complexos culturais.

Quando diversas culturas, de diferentes origens, se encontram em uma mesma área cultural, e entre elas se desenvolve uma relação de simbiose e respeito mútuo, temos uma situação multicultural.

No Brasil não temos ainda uma situação multicultural. Existem, sim, miscigenação racial e sincretismo cultural, mas ainda não se pode falar em multiculturalismo, pois convivemos com manifestações de racismo, preconceito e discriminação, como vimos anteriormente.

Apesar disso, é inegável que a miscigenação deu origem no Brasil a uma fusão de culturas, como podemos ver no texto a seguir.

Os Mil Tons da Aquarela Cultural do Brasil

Formadas originariamente do encontro de portugueses com indígenas e africanos, desenvolveram-se, neste imenso território, separadas por longas distâncias, diversas sociedades com especificidades próprias, que refletiram não só as condições da natureza local, mas históricas também.

Por exemplo, refletiram o tipo de exploração econômica dominante na época de sua ocupação, de seu apogeu ou decadência e suas relações com a metrópole portuguesa, bem como as relações estabelecidas com outras nações.

Essas ilhas de civilização diferenciadas ficaram conhecidas como o Brasil do Açúcar, do Couro, do Ouro, dos Pampas, do Café e da Borracha, por refletir os diversos ciclos econômicos pelos quais passaram.

Nessas regiões podemos observar - nos traços físicos da população, na culinária, no linguajar, no folclore, nos ritmos, nas festas populares, na religião e em vários outros aspectos - ora a presença marcante da cultura de raízes africanas, ora a de cultura indígena, portuguesa e também italiana, alemã, japonesa etc.

Com o tempo, os deslocamentos internos de população misturaram culturas dessas diferentes regiões, dando nascimento a sínteses peculiares. Catolicismo, candomblé, umbanda. Batuque, samba, carnavais. Procissões e festas populares típicas. Folclore com temática central na floresta, no boi ou no cavalo, como no bumba-meu-boi (veja imagem na página seguinte).

Casa de sapê, arquitetura colonial barroca ou neoclássica. Poemas românticos, parnasianos e literatura de cordel. Pinturas acadêmicas, impressionistas e cerâmica marajoara... No final do século XIX, o Brasil era, ao mesmo tempo, tudo isso e muito mais!



Adaptado de: Julia Falivene Alves. *Identidade nacional em debate*. São Paulo, Moderna, 1997. p. 96-7.

O Padrão Cultural

Padrão Cultural é um conjunto de normas que rege o comportamento dos indivíduos de determinada cultura ou sociedade.

Em outras palavras: quando os membros de uma sociedade agem de uma mesma forma, estão expressando os padrões culturais do grupo. Por exemplo, o casamento monogâmico é um dos padrões culturais da sociedade brasileira.

Subcultura

No interior de uma cultura podem aparecer diferenças significativas, caracterizando a existência de uma subcultura.

Assim, por exemplo, há comunidades no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, nas quais certos costumes e valores se diferenciam claramente dos praticados em outras regiões do país.

Em algumas dessas comunidades, as pessoas se comunicam não só em português, mas também em idiomas europeus, como o alemão.

Isso acontece devido à presença nessas áreas de imigrantes de origem europeia - principalmente italianos e alemães - que ali se instalaram no final do século XIX e que, por seu isolamento, mantiveram traços culturais dos países de origem: hábitos alimentares, festas típicas e, em alguns casos, até o idioma materno.

Temos, assim, uma subcultura regional no quadro mais amplo da cultura brasileira.

A ocorrência de subculturas não se limita a diferenças regionais. Também pode se verificar na relação entre gerações.

Às vezes, por exemplo, os jovens criam costumes e modos de vida radicalmente distintos da norma adulta. Por isso, alguns autores falam da existência de uma subcultura juvenil.

Exemplo de subcultura juvenil são as chamadas tribos urbanas: punks, góticos, skinheads etc. Cada membro de uma tribo se identifica pelos símbolos comuns, como o vestuário e o linguajar peculiares que caracterizam o espírito do grupo.

5.5 O Crescimento do Patrimônio Cultural

Cada geração passa por processos de aprendizagem, nos quais assimila a cultura de seu tempo e se torna apta a enriquecer o patrimônio cultural das gerações futuras.

É na capacidade que os grupos têm de perpetuar e acrescentar novos valores a cultura que reside a possibilidade de progresso.

Todo progresso é resultante da síntese de valores novos com componentes culturais já adquiridos.

Desse modo, apesar das mudanças, alguns valores culturais tendem a permanecer, assegurando a continuidade da cultura de uma sociedade entre uma e outra geração.

Por mais viva e inventiva que seja uma nova cultura, as gerações não rompem inteiramente com seu passado,

Em geral, o enriquecimento patrimonial de uma cultura se faz por meio de dois processos: a invenção e a difusão.

Depois de estudá-los, vamos ver como o desequilíbrio entre os diferentes aspectos da cultura geram o processo conhecido como retardamento cultural.

Invenção e Difusão Cultural

Em meados do século XIX, o uso do motor a vapor para mover um veículo correndo sobre trilhos criou um meio de transporte que teria importância decisiva no mundo moderno: o trem. Impacto maior ainda foi provocado no fim daquele século pela invenção do automóvel, que era pouco mais que uma carruagem impulsionada por um motor à explosão.

Como veremos posteriormente, as invenções são geradas pela combinação entre o patrimônio cultural da sociedade e determinadas necessidades sociais. Nenhum inventor parte da estaca zero. Em seu trabalho de criação, ele utiliza o conhecimento acumulado de sua cultura, combinando elementos preexistentes para produzir algo novo.

Assim, invenção é a combinação de traços já existentes, dando como resultado um traço cultural novo. Muitas vezes, como no caso do trem e do automóvel, as invenções acarretam mudanças amplas e profundas em toda a cultura.

Alguns traços culturais, como uma nova moda ou o uso de um equipamento recentemente inventado, difundem-se não só na sociedade em que tiveram origem, mas também entre culturas diferentes, geralmente através dos meios de comunicação (jornais, revistas, televisão, cinema, rádio, Internet etc.).

Quando isso ocorre, dizemos que esta havendo um processo de difusão cultural. Pode-se afirmar que a enriquecimento cultural se verifica mais frequentemente por difusão do que por invenção.

Geralmente, a patrimônio de uma cultura cresce de geração em geração. As culturas se desenvolvem incorporando traços culturais em maior número do que aqueles que caem em desuso.

Assim, a cultura e o somatório de todas as realizações das gerações passadas que se sucederam no tempo, mais as realizações da geração presente.

Retardamento Cultural

As mudanças dos diversos componentes da cultura não acontecem no mesmo ritmo: alguns se transformam mais rapidamente do que outros.

As invenções, por exemplo, acarretam mudanças mais aceleradas na cultura material do que na cultura não material: os instrumentos as máquinas e as técnicas mudam mais rapidamente do que a religião, os padrões familiares e a educação. Essa diferença de ritmo provoca descompassos entre os diversos componentes da cultura,

A introdução da pílula anticoncepcional na década de 1960, por exemplo, encontrou grande resistência por parte de setores religiosos, enquanto milhões de mulheres em todo o mundo já se beneficiavam com a invenção. Toda vez que há um desequilíbrio entre os diferentes aspectos da cultura, pode-se falar de retardamento ou demora cultural.

5.6 Aculturação: Contato e Mudança Cultural

Durante a colonização do Brasil, houve intenso contato entre a cultura do conquistador português e as culturas dos povos indígenas e dos africanos trazidos como escravos.

Em decorrência desse contato, ocorreram modificações tanto na cultura dos europeus recém-chegados - que assimilaram muitos traços culturais dos outros povos - quanto na dos indígenas e africanos, que foram dominados e perderam muitas de suas características.

Desse processo de contato e mudança cultural - conhecido como aculturação - resultou a cultura brasileira. Quando seres humanos de grupos diferentes entram em contato direto e contínuo, geralmente ocorrem mudanças culturais nos grupos, pois verifica-se a transmissão de traços culturais de uma sociedade para outra.

Alguns traços são rejeitados; outros são aceitos e incorporados, quase sempre com mudanças significativas, a cultura resultante.

Marginalidade Cultural

Na cidade paulista de Tupã - na reserva dos índios Caingangue - vivem, em trezentos alqueires, duzentos indígenas descaracterizados culturalmente.

Eles são atendidos por um grupo de funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio); desconhecem totalmente seu passado, não conseguem mais se expressar em sua própria língua, não se lembram mais de seus cantos, de suas danças e de suas antigas práticas de caçadores e pescadores.

Também não estão incorporados a cultura da civilização que os cerca. São mansos e tristes.

Quando duas culturas entram em contato, podem ocorrer - além da aculturação - conflitos emocionais nos indivíduos que pertencem a ambas as culturas. Esses conflitos tem origem na insegurança que as pessoas sentem diante de uma cultura diferente da sua.

Aqueles que não conseguem se integrar totalmente a nenhuma das culturas que os rodeia ficam a margem da sociedade. A esse fenômeno dá-se o nome de marginalidade cultural.

5.7 Contracultura

Nas sociedades contemporâneas encontramos pessoas que contestam certos valores culturais vigentes, opondo-se radicalmente a eles, num movimento chamado de contracultura.

Na década de 1950, os Estados Unidos conheceram a beat generation (geração beat), que contestava o otimismo consumista do pós-guerra norte-americano, a ingenuidade que os filmes de Hollywood apregoavam, o anticomunismo generalizado e a falta de um pensamento crítico.

Inspirados nos existencialistas franceses, os beatniks vestiam-se de preto e recusavam-se a participar do sistema.

Seus principais representantes foram o escritor Jack Kerouak e o poeta Allen Ginsberg, entre vários outros artistas e intelectuais.

Na década de 1960, surgiu o movimento hippie. Como a beat generation, foi um fenômeno de contracultura, porque se opunha radicalmente aos valores culturais considerados importantes na sociedade ocidental: o trabalho, o patriotismo, a acumulação de riquezas e a ascensão social.

Também era contrária a Guerra do Vietnã (1959-1975), a estrutura familiar convencional, a sociedade de consumo e aos hábitos alimentares baseados em comida industrializada e fast food (refeição rápida) - traços culturais típicos da sociedade norte-americana.



Muitos jovens dessa época deixaram casa e universidade para viver em comunidades no campo, onde plantavam e produziam a própria comida e educavam seus filhos com base em valores mais humanizados.

A maioria deles era vegetariana e muitos abraçaram religiões orientais, como o zen-budismo e o hinduísmo. Seu principal lema era: "faça amor, não faça guerra".

O movimento hippie, que ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, foi perdendo o vigor, até desaparecer por completo, as vésperas da década de 1980, quando o individualismo e o consumismo voltaram, com toda a força, a ocupar corações e mentes da nova geração.

Leia, na sequência, como se deu a comemoração dos 25 anos do Festival de Woodstock (1969), um marco da contracultura e do movimento hippie nos Estados Unidos.

Woodstock, outra vez.

Nos campos de Saugerties, uma cidade rural a 130 quilômetros de Nova York, ocorreu O Woodstock 94, concerto comemorativo dos 25 anos do grande momento do movimento hippie, lugar no qual, em 1969, se fez a apologia do rock'n'roll, do amor e da paz universal.

Durante o Woodstock original, que atraiu mais de 400 mil jovens a vizinha Bethel, na propriedade leiteira de um simpático fazendeiro chamado Max Yasgur, uma geração alegre e contestadora celebrou na chuva, ao som de grupos de rock, sua vitória sobre a geração anterior.

Os tempos mudaram, Woodstock, entre outras coisas, era o símbolo da negação da sociedade de consumo. Hoje a cultura oficial apropriou-se de quase todas - mas não de todas - as manifestações da cultura daqueles grupos.

Mas, desta vez, "O show foi montado para a geração de agora. Tem a cara dos jovens de hoje", diz Michael Lang, um dos organizadores do Woodstock original. Os hippies passaram como um furacão sobre a cultura e os costumes então vigentes, e ficaram conhecidos não pelos cabelos compridos que usavam, mas por terem sido os primeiros jovens a conviver com o radicalismo dos anos 1960 e o que depois, de forma diluída, passou a se chamar "conflito de gerações".

5.8 Socialização e Controle Social

Segundo o sociólogo norte-americano G. Smith Russel, "nove décimos de tudo o que você faz, diz, pensa, sente, desde que se levanta de manhã cedo até que vai para a cama dormir, você diz, faz, pensa, sente não como expressão própria, independente, mas em conformidade inconsciente e sem crítica com regras, regulamentos, hábitos grupais, padrões, códigos, estilos e sensações que existiam muito antes que você nascesse".

Já vimos que a sociabilidade – tendência – natural da espécie humana para viver em sociedade – é desenvolvida por meio do processo de socialização, pelo qual o indivíduo se integra ao grupo em que nasceu assimilando sua cultura.

A socialização é o ato de transmitir ao indivíduo, de levá-lo a assimilar e intrometer os padrões culturais da sociedade. É também um processo social abrangente, pois afeta direta ou indiretamente todos os indivíduos que vivem em uma determinada comunidade ou sociedade.

O maior instrumento de socialização é o controle social, que pode assumir diversas formas. O olhar de reprovação dos pais quando a criança toma sopa fazendo barulho, as chacotas dos adolescentes se um deles aparece vestido de terno e gravata são exemplos de controle social.

O controle social São as formas pelas quais a sociedade introjeta os valores do grupo na mente de seus membros, para evitar que adotem um comportamento divergente.

O principal objetivo do controle social é fazer com que cada indivíduo tenha o comportamento socialmente esperado. É esse controle que, por exemplo, nos leva a manter a cabeça descoberta, enquanto até algumas décadas atrás esse mesmo controle fazia com que a maioria das pessoas usasse chapéu.

Para a antropóloga norte-americana Ruth Benedict (1887-1948), "a história da evolução de um indivíduo é, antes de tudo, o relato de sua acomodação aos padrões e tradições vigentes em sua comunidade. Desde o momento em que ele nasce os costumes do grupo a que pertence moldam suas experiências e seu comportamento.

As primeiras palavras de uma criança são necessariamente pronunciadas em uma língua determinada. Por isso mesmo, essa criança já é um produto da cultura em que vive. Ao tornar-se adulta, já esta suficientemente treinada para tomar parte nas atividades da comunidade, com seus hábitos e suas crenças".

A primeira agência de controle social é a família. Desde que nasce a criança é orientada,

educada e moldada pelo grupo familiar. Depois da família, temos a Igreja, a escola e O Estado: são todas agências formais ou institucionalizadas de controle social.

Ecologia e Controle Social

A palavra ecologia vem do grego e significa originalmente "o estudo da casa". Aos poucos, passou a se referir a todas as relações dos seres vivos entre si e com o ambiente, sendo uma das áreas de estudo da Biologia. Mas foram-se os tempos em que a ecologia era assunto exclusivo da ciência.

A intervenção humana sobre o ambiente atinge hoje uma escala planetária sem precedentes. Descobriu-se que grande parte dos recursos naturais são finitos (os recursos não-renováveis, como os minérios e o petróleo, e que os efeitos das atividades humanas podem ser devastadores para o ambiente e para a sobrevivência da vida na Terra.

O grande desafio da espécie humana, atualmente, não é só assegurar um crescimento econômico que melhore o padrão de vida dos diferentes povos, mas também regular sua relação com o ambiente.

Nos últimos anos, a questão ecológica tem se tornado preocupação de múltiplos setores da sociedade. (...) Governos dos mais diversos países tem desembolsado imensos recursos para desenvolver projetos de recuperação conservação preservação e educação ambiental.

O Brasil, por exemplo, na Constituição de 1988, dedicou espaço significativo para determinar obrigações, prioridades competências relativas ao meio ambiente. Mas tais leis não diminuíram os problemas ambientais em nosso país que ficou mundialmente conhecido pela devastação de suas florestas pela caça e pesca predatória.

Dentro desse contexto é natural que a recente ciência ecológica encontre-se em franca expansão: deixou de ser uma preocupação exclusiva de segmentos isolados da sociedade e passou a ser responsabilidade de cidadãos comuns, preocupados com a sobrevivência do planeta.

Como parte dessa expansão da consciência ecológica, existem inúmeras Organizações Não-Governamentais (ONGs) no mundo cujas atividades estão voltadas para a preservação e a educação ambiental.

Muitas atuam transmitindo conhecimentos e técnicas ou prestando assistência médica a povos que passam por guerras civis, períodos de seca e fome, como acontece hoje na África, por exemplo. Outras agem no sentido de impedir agressões a natureza.

A ONG Greenpeace, por exemplo, não hesita em "comprar briga" em favor da preservação do meio ambiente, a ponto de alguns de seus membros já terem tentado impedir, usando pequenos barcos, a passagem de navios que iam participar de experiências com bombas nucleares no oceano Pacífico.

Com suas ações, grupos de ecologistas europeus conseguiram diminuir o uso de casacos de peles de animais, como o visom ou a lontra (ou pelo menos fizeram diminuir a morte desses pequenos mamíferos), disparando jatos de sprays coloridos nos casacos das pessoas que os ostentavam nas ruas, em desfiles de moda, nas portas de teatros e restaurantes. Depois disso, tornou-se mais raro encontrar na Europa pessoas usando casacos de peles verdadeiras, como costumava acontecer antes.

Maria Isabel Soncini e Miguel Castilho Jr. *Biologia*. São Paulo, Cortez, 1991.

Tipos de Controle Social

O controle social pode ser difuso (informal) ou institucionalizado (formal). Nas comunidades isoladas e pequenas, como os povoados do interior ou as aldeias indígenas, o controle social é difuso, vago, muitas vezes de caráter religioso.

Nas sociedades complexas, o controle social é institucionalizado ou formal, isto é, há órgãos e instituições sociais encarregados de sua aplicação, como a polícia, para se dar um exemplo.

Também as sanções podem ser difusas ou organizadas, dependendo do tipo de controle social. Mas, quando algumas sanções estabelecidas pela sociedade deixam de funcionar, surge a necessidade de elaborar novas leis e criar novas instituições para exercer com eficácia o controle social desejado.

Nas sociedades modernas, mais complexas, aumenta a presença da instituição jurídica, da instituição policial e do Estado, em substituição aos controles espontâneos, antes exercidos pela família e pelos membros da comunidade.

Funções do Controle Social

Assim, nas sociedades modernas os sistemas de controle social são quase totalmente institucionalizados, isto é, dependem mais de leis e regras estabelecidas do que de normas impostas pela tradição.

Ao mesmo tempo, à medida que as sociedades vão se tornando mais complexas, os sistemas de controle passam a assumir diferentes funções.

Estas não se impõem meramente para punir ações ilícitas ou fazer valer determinadas normas e padrões, mas também tem a finalidade de manter o equilíbrio da sociedade e de dar proteção social

efetiva aos seus membros socialmente desamparados.

De modo geral, podemos falar de três funções de controle social:

- ✓ a de ordem social;
- ✓ a de proteção social;
- ✓ a de eficiência social.

As funções de controle de ordem social ligam-se a aplicação de normas e de leis. Por exemplo, fazer cumprir a lei, prender e punir criminosos, manter a ordem pública.

Na sociedade moderna, essas funções são desempenhadas basicamente pelo Estado, com seus órgãos específicos de caráter repressivo ou jurídico, como a polícia e os tribunais de justiça.

As funções de proteção social relacionam-se ao cumprimento de normas que beneficiam setores menos protegidos da sociedade. Entre elas, estão as de previdência social e a proteção dos direitos humanos.

Dessas funções faz parte também a proteção das crianças e adolescentes, da mulher e dos idosos, assim como a garantia de que sejam asseguradas a igualdade de direitos na educação, a assistência médica universal e a defesa do meio ambiente.

As funções de eficiência social estão relacionadas com regras e procedimentos que levem os indivíduos a contribuir de forma produtiva para o bem-estar e o desenvolvimento da sociedade.

A proteção ao trabalho, às ações cooperativas, a formação profissional, os cuidados com a saúde pública e com a educação em geral estão entre essas funções.

Compreensão

1. Explique com suas palavras, o que é Cultura.

2. Qual a relação entre Educação e Cultura?

3. Cite quatro exemplos de elementos da cultura material que o rodeiam neste momento.

4. Cite quatro exemplos de elementos da cultura não material.

5. Quais são os dois processos básicos pelos quais se dá o crescimento do Patrimônio Cultural de um grupo?

6. Cite um exemplo de Difusão Cultural que você tenha presenciado.

7. Cite um exemplo de Retardamento Cultural.

8. O que você entende por Subcultura e Contracultura? Cite um exemplo de cada conceito.

9. Explique com suas palavras o objetivo do Controle Social.

Capítulo 06

Educação e Sociedade

Como vimos anteriormente, os indivíduos só se tornam verdadeiramente humanos quando interagem com outros indivíduos, convivendo com eles em sociedade.

Em outras palavras, sem o denso tecido de interações sociais do qual participa toda criança, simplesmente não haveria humanidade.

Este capítulo está voltado para o estudo do papel da escola e da educação nesse processo de interação social e de socialização.

É por meio da educação que os povos transmitem às gerações mais jovens sua herança cultural, seus conhecimentos, seu modo de vida e suas regras e valores.

Ao passar por ela, os indivíduos adquirem as informações necessárias para uma vida ativa em sociedade e são preparados para conviver com os outros de acordo com as normas dos grupos sociais a que pertencem.

6.1 Objetivos da Educação

O que integra o indivíduo a sociedade e ao grupo social em que vive é o patrimônio cultural que ele recebe.

Essa transmissão começa no momento em que ele nasce (e até mesmo antes, quando ele se encontra ainda no útero materno e recebe estímulos de diversas procedências do meio social).

O veículo pelo qual ela é realizada nesse momento inicial da vida é a família. Depois, toda sociedade interage com ele.

Em todos esses momentos, o indivíduo está assimilando valores e regras por meio da Educação.

Assim, são objetivos da Educação:

- ✓ a transmissão da cultura,
- ✓ a adaptação dos indivíduos a sociedade,
- ✓ o desenvolvimento de suas potencialidades e,
- ✓ como consequência, o desenvolvimento da personalidade e da própria sociedade.

A criança, ao aprender as regras de comportamento do grupo em que nasceu, inicia seu processo de socialização. Isso acontece desde que aprende a dar os primeiros passos, a falar as primeiras palavras, de forma a poder se comunicar com os outros seres humanos. A partir desses contatos primários, ela assimila uma série de informações básicas para a convivência humana.

À medida que cresce, seu processo educativo vai adquirindo complexidade.

É um processo permanente, que nunca termina, pois vai acompanhá-la durante toda a vida.

Em uma palavra, ela estará sempre aprendendo novas coisas: informações, valores, formas de comportamento.

Entretanto, a educação não é um processo de aprendizagem passivo. Enquanto aprende, a criança reage com atitudes e formas de agir, sentir e pensar que exercem influência no próprio processo educativo.

Além disso, a educação permite que a criança, ao crescer, também possa interferir no meio social em que vive, ajudando a incorporar inovações e até a modificar padrões culturais estabelecidos - ou seja, contribuindo para transformar a sua própria realidade.

6.2 O Processo Educativo

A Educação pode ser Informal ou Formal.

✓ Educação Informal, Assistemática ou Difusa

– É a que ocorre na vida diária por intermédio dos contatos primários (com a família, por exemplo) e pelo aprendizado das tarefas normais de cada grupo social, pela observação no comportamento dos mais velhos, pela convivência com outros membros da sociedade.

É realizada sem nenhum plano, sem local ou hora determinada. Todas as pessoas, todos os grupos; enfim, toda a sociedade participa dessa forma de educação. A expressão popular “Quanto mais se vive, mais se aprende” reflete o processo pelo qual as pessoas estão continuamente aprendendo.

Nas comunidades mais isoladas, onde ainda não há escolas, a educação assistemática é a única forma de educação existente.

Nessas comunidades, crianças e jovens aprendem ao participar ativamente da vida familiar e comunitária.

Assim, adaptam-se pouco a pouco ao estilo de vida do grupo. No caso de povos indígenas, por exemplo, as provas pelas quais os adolescentes passam antes de ingressar no mundo dos adultos representam um rito de passagem necessário para consagrar uma adaptação já efetivada.

Aprender vivendo

Entre os indígenas brasileiros, os meninos observam os homens quando estes fazem arcos e flechas; os homens os chamam para perto de si e eles se veem obrigados a observá-los.

As mulheres, por outro lado, levam as meninas para fora de casa, ensinando-as a conhecer as

plantas boas para confeccionar cestos e a argila que serve para fazer potes.

Em casa, as mulheres tecem os cestos e curtem a pele de cabrito diante das meninas, dizendo-lhes, enquanto estão trabalhando, que observem cuidadosamente, para que, quando forem grandes, ninguém as possa chamar de preguiçosas e ignorantes.

Ensinam-nas a cozinhar e aconselham-nas sobre a busca de bagas e outros frutos, assim como sobre a colheita de alimentos.

Adaptado de - Carlos Rodrigues Brandão. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 21.

✓ **Educação Sistemática ou Formal** – Embora esteja sempre presente na vida do indivíduo, em sociedades complexas a educação informal não é suficiente.

A divisão do trabalho e a diversidade de papéis sociais exigem de crianças e jovens a passagem pela escola, onde recebem educação sistemática ou formal. Seu objetivo básico é a transmissão de determinados legados culturais, isto é, de certos conhecimentos, técnicas ou modos de vida, de forma a preparar o indivíduo para os papéis que ele será chamado a desempenhar ao longo da vida em sociedade (ter uma profissão, ser pai ou mãe de família, estar preparado para exercer a cidadania etc.).

A instrução formal é uma modalidade organizada, metódica e seletiva de educação, já que, diante das características da cultura de cada sociedade, seus promotores selecionam os aspectos que consideram essenciais ou mais necessários para serem transmitidos.

Embora as instituições sociais - como a família, a Igreja e os meios de comunicação de massa - exerçam grande influência na educação das pessoas, a escola (em todos os seus níveis) é a instituição especificamente organizada para transmitir esses conhecimentos.

Quanto mais desenvolvida uma sociedade, mais amplos e complexos os processos de educação formal que, pela sua extensão, tendem a se tornar cada vez mais especializados. Nas sociedades modernas, a escola passou a ocupar um papel essencial na integração do indivíduo à sociedade.

À medida que, com as novas tecnologias, os meios de produção se automatizam, o trabalho manual vai perdendo importância.

Já não é possível, como ocorria no passado, que pessoas com pouca ou nenhuma instrução possam progredir profissionalmente.

Na sociedade do futuro – a do conhecimento terão vez apenas os indivíduos dotados de uma educação apropriada. Os que não tiverem acesso a ela serão inevitavelmente excluídos,

Diante disso, a educação formal qualificada tornou-se prioridade absoluta dos governos. Os países que não se prepararem convenientemente para o novo mundo que está surgindo ficarão para trás, assim como seus cidadãos.

Dessa forma, a educação passa a ser cada vez mais um instrumento vital para que o indivíduo possa enfrentar os desafios da sociedade contemporânea,

Por sua vez, a universalização da educação, isto é, a possibilidade de acesso de todos os jovens a instrução formal, passa necessariamente pelo ensino público.

Cabe ao Estado investir maciçamente na educação, especialmente no ensino básico, como forma de garantir oportunidade igual a todos os membros da sociedade,

É nessa perspectiva que o professor Cristovam Buarque, ministro da Educação do governo de Luiz Inácio Lula da Silva entre janeiro de 2003 e Janeiro de 2004, alerta sobre a mercantilização do ensino (uma tendência do mundo neoliberal), que pode chegar ao que ele chama de “estado de dessemelhança”.

Nesse caso, dentro de trinta anos haveria uma minoria educada, alienada e integrada ao mundo da globalização, em contraste com uma grande maioria sem acesso a educação,

Além disso, para o professor Buarque a mercantilização do ensino pode conduzir a uma segregação de conteúdos.

Os currículos das escolas tendem a dar importância apenas a matérias de interesse imediato, econômico, deixando de lado questões humanísticas, que formam a base da convivência civilizada em toda sociedade democrática.

O Brasil precisa melhorar sua Educação

O ministro da educação, Cristovam Buarque, lança hoje O Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), feito a partir de dados do IBGE (instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e do Censo Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada Estado.

Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5% da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula.

O pior índice é o do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).

De acordo com dados divulgados pelo IBGE, a situação é pior na faixa dos sete anos: 7,7% das crianças em todo o país ainda não começaram a estudar. A situação mais crítica ocorre em alguns estados do Norte: em Rondônia, a taxa é de 28%; no Acre, 24,5%.

O quadro também não é nada favorável quando se tomam os dados do último Censo sobre a população de quatro a seis anos, que deveria frequentar a pré-escola. Cerca de 38,6% dessas crianças, o equivalente a 3,8 milhões, não recebem atendimento escolar.

Isso é pior para a faixa de 0 a 3 anos: apenas 9,4% frequentam creches. As divulgações anteriores do Censo já mostraram que, de 1991 a 2000, a escolarização aumentou em todas as faixas etárias. O analfabetismo, para a população com mais de 15 anos, caiu de 19,4% em 1991 para 12,9% em 2000.

Para Ana Lucia Saboia, chefe da Divisão de Indicadores Sociais do IBGE, a preocupação com as crianças menores se deve ao fato de que, muitas vezes, a criança de sete anos que nunca foi à escola antes sente dificuldade no aprendizado. “A situação do pré-escolar é muito ruim. Os estudos mostram que o ingresso com quatro anos é fundamental para o desenvolvimento cognitivo”, afirma. Estudo feito por ela com base em dados do Censo mostra que o Brasil tem 224 municípios com 100% das crianças de quatro anos fora da escola.

Mônica Bergamo. Folha de São Paulo, 3.12.2003.

A universidade: um funil para poucos

O Brasil é um país de poucos diplomas universitários, concentrados numa elite: apenas 6,8% da população com mais de 25 anos concluiu o nível superior.

A região Sudeste, a mais rica do país, concentra 59,7% dos diplomas e os brancos tem quatro vezes mais acesso ao ensino superior do que os pretos, pardos e indígenas.

Ao todo, 565,8 milhões de brasileiros tem nível superior, sendo 5,5 milhões com graduação (6,4% do grupo acima de 25 anos) e 304 mil com mestrado ou doutorado (0,4%).

Houve um aumento em relação a 1991, quando essa proporção era de 5,8%.

No conjunto da população (169,7 milhões), a proporção das pessoas com nível superior concluído cai para 3,4%, de acordo com os dados do Censo 2000 realizado pelo IBGE. Em 1991, a taxa era de 2,7%.

Apesar do aumento em relação a 1991, a proporção de brasileiros com nível superior é considerada baixa pelos especialistas se comparada a de países desenvolvidos ou em desenvolvimento. O IBGE fala em "quadro perverso" para a educação no Brasil.

Dados do Banco Mundial assinalam que, no final dos anos 1990, o Brasil tinha uma taxa bruta de escolarização no ensino superior de cerca de 15%, enquanto, na mesma época, a taxa era de 36% na Argentina, 63% na Austrália, 38% no Chile, 54% na França, 21% no México e 73% nos Estados Unidos.

Essa taxa não mede o número de graduados, mas o número de matrículas em comparação com a população em idade universitária.

Para a consultora em educação Dolores Kappel, a expansão do ensino superior na última década ficou muito abaixo das necessidades do país. (...)

As mulheres (equivalentes a 50,3% da população) representam 54,3% dos que tem nível superior, sendo 55% dos graduados e 43% dos que tem mestrado ou doutorado.

Os últimos vinte anos foram fundamentais no acesso feminino ao ensino: em 1991, as mulheres (isto é, todas as mulheres do país, e não apenas as que têm curso universitário) alcançaram a média de 4,8 anos de estudo, empatando com os 4,7 anos obtidos pelos homens. Em 2000, chegaram a 5,9 anos, enquanto os homens registraram 5,6 anos de estudo.

Mais brancos

Os dados do Censo mostram que a universidade no Brasil é quase uma exclusividade dos brancos: da população com mais de 25 anos e nível superior, 82,8% são brancos, 12,2% são pardos, 2,1%, pretos e 2,3%, amarelos. 56 0,1% e indígena.

Em comparação com o total da população do país (53,8% de brancos, 6,2% de pretos, 0,5% de amarelos, 39,1% de pardos e 0,4% de indígenas) há mais brancos e mais amarelos que o esperado. Quase nada mudou em relação a 1991, quando o Censo apontou que 83,1% dos que tinham nível superior eram brancos.

Para o cientista social José Luiz Petrucelli, do Departamento de Indicadores sociais do IBGE, a baixa presença de negros na universidade "não tem outra explicação a não ser racismo".

"É a discriminação, é a sociedade de castas presente no Brasil".

Adaptado de - Fernanda da Escóssia. Folha de São Paulo, 3.12.2003.

Por sua vez, os instrumentos de difusão do conhecimento também se ampliaram consideravelmente, colocando a disposição dos que tem acesso a computadores uma quantidade crescente de informações, como acontece hoje com a Internet.

Esse novo meio de comunicação, como veremos a seguir, poderá ser um inestimável auxiliar do Processo Educativo.



Educação e Internet

Vivemos em uma época na qual nunca foi tão fácil obter informações. Em 2003, por exemplo, existiam na internet cerca de 3 bilhões de páginas disponíveis.

Atualmente, uma só edição do jornal norte-americano new York times contém mais informação do que uma pessoa comum poderia receber durante toda a sua vida na Inglaterra do século XVII.

Com a incorporação dos recursos quase ilimitados da internet ao ensino, a educação esta se modificando.

Para os estudantes surgiram novas formas de apreender o conhecimento, mas o grande desafio é transformar essa enxurrada de informações eletrônicas em conhecimento verdadeiro, isto é, sistemático e útil para a formação de espíritos críticos, dotados de discernimento e capacidade de pensar por si próprios.

Como instrumento de conhecimento, a internet oferece vantagens, como permitir o aprendizado a distância, por meio de educação virtual, sem que seja necessária a presença de um professor; fazer rápidas pesquisas em bibliotecas, enciclopédias e arquivos de todo o mundo; visitar museus em outros países sem sair de casa; participar de teleconferências; trocar informações com pessoas de qualquer lugar do planeta; assistir as aulas de professores das melhores universidades do mundo, fazendo perguntas e recebendo respostas na hora (ou "em tempo real").

O que antes era apenas um sonho dos futurólogos da ficção científica transformou-se rapidamente numa realidade tangível, utilizável por qualquer criança do Ensino Fundamental ou por adolescentes inscritos em cursinhos pré-universitários.

Com sua rede mundial de computadores, que chega as escolas e residências pela linha telefônica, via cabo ou satélite, ela é o recurso tecnológico que possibilita tais contatos e transmissões instantâneas.

A Internet coloca a disposição de alunos e professores um volume de informações nunca antes imaginado.

Aquele texto que antes poderia ser encontrado provavelmente em uma biblioteca distante, o quadro exposto em um museu do outro lado do mundo, aquele mapa que só o professor conhecia, a exposição do corpo humano nas aulas de biologia - tudo isso e muito mais - agora estão ao alcance de todos por intermédio do teclado e do mouse do computador.

Como o conteúdo das aulas e posta diariamente na rede, crianças que tenham faltado à escola, por exemplo, poderão recuperar as aulas perdidas sem sair de casa e sem precisar recorrer a ajuda de colegas.

Por outro lado, a Internet provoca um novo desafio pedagógico: ganha-se em velocidade e em volume de informações, mas perde-se aquilo que antes era proporcionado pela presença humana, o olho no olho, o contato físico, a pesquisa direta nas fontes.

Como aproveitar ao máximo os ganhos gerados pela nova mídia e diminuir as danos causados pelos mesmos recursos e o atual dilema dos especialistas em Educação.

Leia o texto a seguir.

Ensino Real e Educação Virtual

Até que ponto recursos tecnológicos como a internet e o computador poderão ocupar o lugar do professor no processo de ensino-aprendizagem? Com a internet se tem acesso a ilimitadas possibilidades de conhecimento, mas os contatos humanos diretos tendem a diminuir, estimulando o isolamento e o individualismo, em detrimento da convivência e da interação.

Questões como essas são discutidas no texto do sociólogo francês Edgar Morin que você vai ler agora.

Apesar de todos os avanços da informática, é difícil que o ensino virtual, via internet, substitua com os mesmos resultados o que é ministrado pelo professor de carne e osso.

Na verdade, a figura do professor que conhece cada um de seus alunos jamais será substituída pelo ensino virtual, que pode, no máximo, ser um bom complemento.

Lamento que os pais e mestres já não sirvam tanto de modelo para os jovens numa sociedade as voltas com profunda crise de valores e de autoridade.

A Educação Convencional no ensino básico e universitário, já esta em dificuldades devido a um sistema escolar que se tornou muito especializado.

O saber hoje é servido em fatias, e os elementos nele contidos não se ligam uns aos outros. Diante disso, as novas tecnologias agravam ainda mais essa situação.

Por exemplo, vejamos o caso da Internet. Por meio dela, a pessoa pode pesquisar e reunir conhecimentos que estão dispersos.

Portanto, trata-se de um canal que nos permite ter acesso a diferentes fontes de informações e adquirir certo nível de conhecimento. Agora, é um erro grave pensar que tais suportes eletrônicos, inclusive as videoconferências, irão resolver os atuais problemas da educação.

O certo é que nada, no processo educativo, poderá substituir a importância do contato pessoal, humano.

É por conhecer os alunos em suas individualidades que o professor pode ajudá-los a ter um melhor desempenho. O computador e a videoconferência não poderão fazer a mesma coisa.

Não dispõem, como o mestre, do carisma e da paixão que ocupam um papel essencial no ensino.

Em suma, a conversa com o professor é incomparavelmente mais fecunda e espontânea do que o diálogo interativo que se possa estabelecer com uma máquina.

Novas tecnologias como a Internet, podem ajudar a desenvolver e enriquecer a Educação, mas esta não pode ficar reduzida a esses equipamentos e seus suportes conexos.

As escolas que aderirem à nova tecnologia educacional devem ter a preocupação de reforçar a socialização dos alunos, pois as relações humanas devem ser preservadas para se evitar o individualismo excessivo, uma característica marcante deste início de século.

Adaptado de - Edgar Morin. *Ensino real e educação virtual*. O estado de São Paulo, 4.2.2001.

6.3 A Escola

A Escola, em geral, emprega atualmente vários meios para atingir seus objetivos educacionais.

Destacamos alguns:

- ✓ Local e instalações apropriadas;
- ✓ Currículos e programas planejados para cada etapa da educação;
- ✓ Proposta Pedagógica clara e baseada em princípios filosóficos definidos;
- ✓ Métodos e materiais didáticos apropriados a transmissão das várias disciplinas, incluindo laboratórios de ciências e Informática;
- ✓ Professores especializados.

Nos anos 1970, com os trabalhos do filósofo, psicólogo e pedagogo suíço Jean Piaget (1896-1980), houve uma grande mudança na forma de se conceber o ensino/aprendizagem e a relação entre professor e aluno,

Até então, predominava uma concepção tradicionalista, na qual o aluno era tratado como um agente passivo no processo pedagógico.

Partia-se do princípio segundo o qual a memorização, os exercícios contínuos e a repetição constituíam o melhor método de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o professor era considerado o único portador e difusor do conhecimento.

Em oposição a isso, Piaget desenvolveu uma concepção pedagógica na qual a criança deixava de ser vista como um ser passivo, passando a ocupar posição central no processo educativo.

Com base nessa concepção, a psicóloga argentina Emília Ferrero desenvolveu uma nova filosofia de ensino: a Concepção Construtivista.

Segundo Emília Ferrero, a aprendizagem deve estar diretamente ligada às coisas significativas para a criança, a sua realidade.

Ensino Tradicional	Ensino Construtivista
O professor é o centro do ensino-aprendizagem.	O aluno é o centro do processo-educativo.
O Professor ensina, o aluno aprende.	O aluno é estimulado a levantar hipóteses.
Há objetivos (conhecimentos, habilidades e competências a atingir).	Há objetivos (conhecimentos, habilidades e competências a atingir).
Pensamento Dedutivo	Pensamento Indutivo
Apelo à memorização, à repetição e ao treinamento.	Há habilidades a serem atingidas, o que pode ser feito em níveis dentro do mesmo grupo.
Há um programa a ser necessariamente cumprido.	O programa depende do processo de ensino-aprendizagem.

De posse dessas informações, o professor deve desenvolver um ambiente emocional propício a um aprendizado criativo.

A Concepção Construtivista foi adotada com sucesso nos anos 1980 e 1990, mas em dado momento começou a apresentar problemas, tendo sua eficiência questionada.

Desde então, as escolas passaram a adotar uma posição intermediária entre o ensino tradicional e os novos métodos, aproveitando parte de cada um deles para difundir o conhecimento.

O quadro acima compara as características básicas do Ensino Tradicional e do Ensino Construtivista.

A Escola como Grupo Social e como Instituição

Do ponto de vista sociológico, a escola pode ser estudada como grupo social ou como instituição. Por um lado, ela é uma reunião de indivíduos (alunos, professores e funcionários) com objetivos comuns e em contínua interação.

Vista por esse ângulo, a escola é um grupo social que transmite conhecimento.

Mas a Escola é também uma instituição, ou seja, uma estrutura mais ou menos permanente que reúne normas e procedimentos padronizados, altamente valorizados pela sociedade, cujo objetivo principal é a socialização do indivíduo e a transmissão de determinados aspectos da cultura e do conhecimento.

Educadores, Educandos e outros Grupos

No estudo da estrutura da escola, percebe-se a coexistência de dois grupos distintos, mas interdependentes: os educadores e os educandos.

Os educadores (diretor, professores, orientadores pedagógicos, auxiliares) representam um grupo maduro – geralmente de idade mais elevada do que a dos alunos –, integrado aos valores sociais vigentes.

Sua principal tarefa consiste em transmitir aos educandos esses valores sociais, além dos conhecimentos básicos necessários, de modo a prepará-los para a vida em sociedade.

O grupo dos educadores ocupa um status que lhes permite dirigir o processo educativo, estabelecer normas e exercer liderança sobre os alunos.

A Interdependência entre Educadores e Educandos

Se estabelece desde o início do processo pedagógico: um existe em função do outro.

As formas pelas quais se manifesta essa relação é que variam indo das que se estabelecem por meio da cooperação – em que ambas as partes apresentam uma interdependência saudável e significativa dentro do processo educativo – as que se desenvolvem por meio de um conflito – como quando a indisciplina impede a evolução da aprendizagem de uma classe ou quando o professor não inspira confiança aos alunos.

Existem diversos métodos, princípios e formas de educação.

O Construtivismo, por exemplo, é considerado por muitos a forma mais adequada para a absorção do conhecimento, pois se assemelha a uma aventura intelectual, mas há os que preferem um modelo de ensino tradicionalista, baseado na imposição do professor sobre os alunos e uma estrita disciplina.

Além desses dois grupos básicos (educadores e educandos), é possível identificar na Escola, vários outros, tais como: grupos de idade e sexo (adultos, crianças e jovens; meninos e meninas; garotas e rapazes); grupos associativos (que se formam entre os alunos no dia-a-dia da escola); grupos de ensino (classe).

Vamos estudar os dois últimos.

Grupos Associativos

Criados de forma quase espontânea a partir da vivência escolar, os grupos associativos podem ser de três tipos:

- **Grupos Intelectuais** – são aqueles que se formam para estudo e pesquisa, discussão de assuntos tratados em aula etc.
- **Grupos Recreativos** – organizados para brincadeiras, jogos em equipe, disputas e gincanas que se realizam na escola, mas fora do período de aulas;
- **Grupos Cooperativos** – são os que se organizam para realizar ações não relacionadas ao aprendizado da escola.

Para atender determinadas necessidades ou desejos individuais, podem surgir grupos cooperativos como os de jovens que se reúnem para organizar uma festa, realizar viagens, conversar sobre sexo, planejar uma aventura etc.

Grupos de Ensino

O típico grupo de ensino é a classe. Em cada sala de aula se reúne uma classe. Os alunos e alunas que a compõem estão sujeitos a horários fixos e programas determinados, devendo frequentar obrigatoriamente as aulas e submeter-se à verificação de presença e às regras de aproveitamento escolar.

As classes são grupos artificialmente formados, uma vez que alunos e professores não participam deles por escolha própria, mas por designação da administração. Além disso, seus integrantes, pelo menos no início, são desconhecidos uns dos outros.

Com o tempo, pode surgir um sentimento de solidariedade entre os alunos e entre estes e os professores, o que em geral facilita transmissão do conhecimento e o desenvolvimento da sociabilidade.

Mas podem também surgir conflitos entre alunos e professores, e esta situação, no limite, pode levar a expulsão do aluno ou a substituição do professor.

Mecanismos de sustentação dos agrupamentos na Escola

Seja como instituição, seja como grupo social, a escola reflete os valores da sociedade em que se encontra.

Ao mesmo tempo, em seu interior ocorrem interações e surgem mecanismos reguladores bem específicos.

A seguir, estudaremos três desses mecanismos: liderança, normas e sanções.

✓ **Liderança** – o professor exerce sobre os alunos uma liderança institucional, isto é, que decorre de sua própria posição na estrutura da escola. Mas o bom andamento das atividades escolares depende também da liderança positiva exercida por alunos, que, por suas características pessoais (ou por seu carisma), se colocam em posição de orientar o grupo.

A contrapartida disso é a liderança negativa – quando a orientação dada pelo líder pode colocar em xeque a liderança institucional do professor. Nesse caso, podem ocorrer conflitos e rupturas no grupo como um todo.

✓ **Normas** – existem regras que orientam o comportamento de alunos e professores. Assim, espera-se que o professor esteja presente no horário da aula, que cumpra o programa estabelecido, que responda as dúvidas dos alunos etc.

Dos alunos também se espera que estejam na escola no horário certo, que realizem as atividades propostas pelos professores, que estudem a matéria ensinada, que usem roupas adequadas (ou uniformes, em certos casos) etc.

As Normas Pedagógicas se referem ao desempenho escolar. Elas estabelecem critérios para a avaliação dos conhecimentos adquiridos, pelos quais se podem chegar a reprovação do aluno quando há insuficiência, também envolvem a supervisão da participação do aluno no processo

educativo, sua atitude em sala de aula, os cuidados com o material escolar etc.

✓ **Sanções** - podem ser de dois tipos:

✓ **Administrativas** – baseiam-se na legislação e nos regulamentos internos da escola; exemplos: suspensão e dispensa por atitudes consideradas graves e reprovação por falta;

✓ **Grupais** – são aplicadas pelos vários grupos e atingem tanto alunos quanto professores; podem assumir a forma de zombaria, rejeição pelo grupo, indisciplina, falta de colaboração, desacato, avaliação negativa pelo mau comportamento em detrimento de boas notas etc.

Compreensão

1. Releia a resposta do indígena norte-americano ao convite do governo do estado de Virgínia para que jovens da tribo fossem enviados para serem educados nas escolas dos brancos. Depois, escreva um texto comentando a contraposição entre Educação Formal e Informal ali exposta.

2. Explique com suas palavras por que a educação é fundamental para todas as sociedades humanas. Depois, de um depoimento pessoal sobre um aspecto importante da educação que lhe foi transmitida nos bancos escolares.

3. Segundo o texto do capítulo, o objetivo da educação é preparar os indivíduos para a vida em sociedade, desenvolvendo suas potencialidades e a própria sociedade. Explique de que maneira ocorre o desenvolvimento da sociedade na forma apresentada por essa definição. Cite exemplos em sua argumentação.

4. Cite um exemplo concreto, tirado de sua vida, de educação assistemática ou informal.

5. Educadores e educandos. Escreva um pequeno texto sobre a interdependência entre esses dois grupos básicos da escola.

6. Cite três grupos associativos de que você participa. Explique-os.

7. “O professor exerce sobre seus alunos uma liderança institucional.” Explique essa afirmativa.

8. Distinga normas de sanções. Cite exemplos de cada um desses mecanismos de sustentação dos agrupamentos escolares.

9. Qual a situação atual da Educação no Brasil?

10. Qual a importância da educação formal como instrumento de afirmação da cidadania?

Referências

Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 218.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7º ed. São Paulo: Atlas. 2006.

OLIVEIRA, Pércio Santos de. *Introdução à Sociologia*. Série Brasil. Ensino Médio/Volume único. 25 ed. São Paulo: Ática. 2004.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia para o Ensino Médio*. 1º ed. São Paulo: Atual. 2007.